

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SERÁ QUE ELA É? MULHERES ATLETAS: UMA QUESTÃO  
DE GÊNERO EM MODALIDADES ESPORTIVAS**

**Talita Affonso Gaspar**

**FLORIANÓPOLIS  
Junho de 2010.**

**TALITA AFFONSO GASPAR**

**SERÁ QUE ELA É? MULHERES ATLETAS: UMA QUESTÃO  
DE GÊNERO EM MODALIDADES ESPORTIVAS**

**Monografia apresentada ao Centro de Desportos da  
Universidade Federal de Santa Catarina, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciada em EDUCAÇÃO FÍSICA.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Maria do Carmo Saraiva**

**Co-Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Verônica Werle**

**FLORIANÓPOLIS  
Junho de 2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

A Comissão examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

**SERÁ QUE ELA É? MULHERES ATLETAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO EM MODALIDADES ESPORTIVAS**

Elaborada por

**TALITA AFFONSO GASPAR**

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora (Banca): \_\_\_\_\_

Orientadora - Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Saraiva - UFSC

\_\_\_\_\_  
Membro – Prof. Verônica Werle - UFSC

\_\_\_\_\_  
Membro – Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela – UFSC

Florianópolis, SC., 24 de junho de 2010

**Dedico este trabalho a todas as super mulheres,  
que quebram barreiras e superam estereótipos  
sem presumir que delicadeza seja sinônimo de  
fraqueza.**

## **AGRADECIMENTOS**

São poucas as páginas que posso me utilizar para agradecer a tantas pessoas que me ajudaram e me deram forças para a conclusão deste trabalho e dessa etapa da minha vida.

Quero começar, não só pelo grau de importância, mas uma questão de lógica ao agradecer a professora Maria do Carmo, que mesmo nas suas correrias, me aceitou como sua orientanda, até mesmo sob protestos de alguns (aposentadoria ainda não saiu, oras!!!), nas orientações cronometradas, nas broncas necessárias, sempre teve a delicadeza de me olhar nos olhos e dar um sorriso de força, coragem e confiança. Muito obrigada! Verônica, obrigada por ter acreditado em mim, por ter me dado tanta força e ter me ajudado tanto. Você foi simplesmente demais e merece muito ser mestre!

Depois de aceita, preciso muito agradecer a minha família. Sei que vocês sabem bem tudo que passei para estar onde estou hoje. Dentre meus erros (muitos) e acertos, contrariados ou não, vocês sempre estiveram ao meu lado, incondicionalmente. Meus irmãos que amo tanto, Renata, Patrícia e Rafael, sei que vocês fizeram por mim aquilo que puderam e às vezes até mais o que podiam. Apoiando, brigando, incentivando, sei que sempre estiveram e sempre estarão ao meu lado. Podem até não concordar comigo, mas nunca me deram as costas e me apoiaram nos momentos que mais precisei. Vocês são demais! Meu amorzão, o Guilherme, meu sobrinho amado, querido, de sacadas inteligentíssimas, de criatividade incrível, um talento ímpar para as artes. Obrigada pelos seus desenhos que me fazem tão bem e que me enchem de orgulho. Seu abraço gostoso, seu carinho e as histórias que me conta. Obrigada. À turma que está longe, mas também muito perto; Vô João, Dindinha e Alice, obrigada por tudo, pelas conversas, pelas palavras de incentivo, pelo apoio de sempre. Preciso também agradecer aos que não estão mais aqui, mas que tiveram um papel enorme em minha vida e que continuo amando além da vida; Vó Neyde, Vó Berê, Vô Dalzell, Tio Nico, vocês estão sempre comigo, amo vocês. Agradeço ao meu pai, por ter feito parte da minha vida de alguma forma, existo por sua causa também. E os agradecimentos à minha alma gêmea, minha mãe! Mãe seja lá quais forem as palavras que eu colocar aqui, serão insuficientes para expressar o que eu sinto agora. Como você diz: “Talita, você tinha que vir ao mundo!” E se estou aqui hoje, é graças a você, minha mãe, minha melhor amiga, minha confidente, minha parceira, minha companheira de debates, de filosofias, de papo furado, meu ídolo! Obrigada por tudo, cada gesto, cada abraço, cada palavra de apoio, incentivo,

força e carinho. Você “é o cara”! E também à minha “família” na Noruega que fez parte da minha construção.

Alzira! Como você disse: “mesmo com chuva e com pneu furado na última hora conseguisse chegar...”, mas se consegui, foi porque você estava do meu lado. Nas horas de sufoco, nas horas do choro, nos momentos que achei que não fosse conseguir, foi você, que com seu jeitinho, esteve do meu lado, me deu seu ombro e seu carinho. E hoje, só tenho a agradecer por você estar aqui nesse momento de superação e orgulho. Obrigada por aturar meu mau humor, minha impaciência e minha rabugice. Espero agora melhorar, hehe. Você é uma pessoa incrível que apareceu em minha vida, como quem não quer nada e marcou minha história. Só tenho a te agradecer de todo meu coração. Já aproveitar pra citar o Júnior e a Larissa, queridos. Lari, obrigada pelas conversas. Sua empolgação acadêmica me inspira e tenho certeza que para você o sucesso está guardado.

Às amigas queridas! Leninha! Desde que te conheci, você está do meu lado para tudo! É a pessoa que quero em minha vida para sempre. Você e o Fábio têm cadeira cativa no meu coração. Adoro vocês! Maiara, parceira de trabalhos em cima da hora, debates, discussões, filosofias e crescimento! Você me abandonou, mas sei que está feliz no outro curso, sobrevivi sem você, mas de qualquer forma, você sempre esteve do meu lado! Para tudo e isso é coisa de irmã! Obrigada! E ainda trouxe um cara muito especial junto, Maia querido! Te adoro! Paulinha (muito especial!), Kaká e Kaique, Isa e meninas do C., obrigada pelas palavras e sorrisos de conforto e incentivo, significaram muito para mim nessa fase. Bom demais me aproximar de vocês no momento que mais precisei de apoio moral, incentivo e muita risada! Agradecer também à amiga e professora Sayonara Barbosa de ajuda tão valiosa em um momento crucial deste trabalho.

Aos amigos que estão longe, não por opção, mas que significam muito em minha vida. Irmãos que escolhi para estarem em minha vida; Chris de Blu, Sarita, Cynthia, Tati, Mari, Alan, Ka, Andréia, Ângela, Dani, Chris e todos meu amigos, irmãos de coração.

À turma da disciplina de Gênero na Educação Física. Obrigada pelas conversas, debates e trocas. Sem esquecer, claro, das idas ao Chopp do Gus e o Black Swan. Obrigada sempre! Hehehe

E a Deus, pela força!

## RESUMO

Diante uma trajetória no curso de Educação Física, experiências de vida e reflexões do cotidiano, esse trabalho surgiu de uma curiosidade, a curiosidade de procurar compreender as diferenças das representações entre homens e mulheres frente aos esportes. É impossível de transcorrer esse assunto sem refletir sobre as histórias das várias mulheres ao longo de várias épocas e culturas. A posição da mulher da sociedade e nos esportes foi conquistada ao longo de muitas lutas e transposições contra os preconceitos e os discursos médicos que afirmavam sua fragilidade e debilidade física ao longo da história. A partir disso, procuramos entender a imagem da mulher atleta hoje e ontem. Para tal, foi feito um levantamento de artigos científicos a cerca da mulher atleta, os esportes, representações das imagens das mulheres atletas. Como a sociedade vê esses personagens da sociedade, ora vistos como heróis, ora vistos como símbolos sexuais. Assim, para as proporções deste trabalho, foi estipulada a investigação de três revistas científicas na área de Educação Física; *Revista Movimento* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e a *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, editada na Universidade de São Paulo. Dentre essas revistas, foram encontrados quatorze artigos que tratassem da mulher atleta sob a ótica da categoria de análise; gênero e, na análise dos artigos, foram elaboradas 4 categorias: O “cara” e a “madame”: o público e o privado no esporte, A mulher no país do futebol (masculino), O papel da mídia na (in)visibilidade das atletas e Mas afinal, será que ela é?. Apesar de toda a evolução dos estudos feministas e de gênero, e da grande quantidade de revistas científicas de várias áreas que abordam o assunto, acredita-se que ainda há muito o que se fazer, principalmente encontrar as histórias das mulheres contadas pelas mulheres. Foram encontrados muitos indícios que reafirmam que a imagem da mulher que pratica esportes depende muito dos interesses dos que comandam as diversas esferas da sociedade o que inclui os esportes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, Mulheres-atleta. Esporte.

**“Seja qual for o país, capitalista ou socialista, o homem (sic) foi, em todo o lado, arrasado pela tecnologia, alienado do seu próprio trabalho, feito prisioneiro, forçado a um estado de estupidez”.**

**Simone de Beauvoir**



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. CONHECENDO OUTRAS HISTÓRIAS .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 A suposta “Fragilidade feminina”.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 O estereótipo e o feminino.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Conflito e “erotização” da mulher atleta.....</b>	<b>16</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
<b>4. ANÁLISE DAS CATEGORIAS ENCONTRADAS .....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 O “cara” e a “madame”: o público e o privado no esporte .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 A mulher no país do futebol (masculino).....</b>	<b>26</b>
<b>4.3 O papel da mídia na (in)visibilidade das atletas .....</b>	<b>30</b>
<b>4.4 Mas afinal, será que ela é? .....</b>	<b>33</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>6. REFERÊNCIAS:.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO II.....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>

# SERÁ QUE ELA É? MULHERES ATLETAS: UMA QUESTÃO DE GÊNERO EM MODALIDADES ESPORTIVAS

## 1. INTRODUÇÃO

Desde pequena tive contato com as práticas esportivas e sempre obtive experiências de sucesso com os esportes, primeiramente com a natação e depois com as modalidades tradicionais. Eu costumava ser vista como “uma atleta destacada”, independente da modalidade trabalhada na escola, para orgulho dos meus professores de Educação Física. No entanto, percebia que não era bem aceita entre muitas das meninas que não tinham o mesmo gosto pelas práticas e tão pouco pelos meninos, que me excluía pelo fato ser menina e jogadora, apesar de minha aptidão.

Esse tipo de situação, de exclusão ou de tratamento diferenciado, pela proximidade/preferência das meninas pelo esporte, foi relatado por Howarth (apud AZEVEDO, 1988), onde o autor mostra um estudo feito em escolas na Inglaterra sobre a educação de meninos e meninas. Nesse estudo observou-se que: “[...]é mais gritante na puberdade ou adolescência, mas é bem nítido também nas primeiras séries escolares onde as meninas são repreendidas por serem agressivas, fortes e ativas, enquanto os meninos são premiados por isso”. Ainda lendo o trabalho desta autora, chama a atenção o olhar que se tem a partir da mulher jogadora:

A própria mulher se questiona quando penetra o mundo dos desportos, pois, ao demonstrar alguma habilidade atlética ou técnica, ela não é admirada pelas suas habilidades e sim porque pode mover-se como um homem. Isto faz com que pergunte a si própria: se sou mulher, porque gosto de desportos? Hart (apud AZEVEDO, 1988, p. 27)

A minha paixão pelos esportes me levou a optar pelo curso de Educação Física. Porém, ao longo de minha formação, foi-se ampliando a minha compreensão da Educação Física, das implicações e importância de como o esporte educa, e também reproduz aquilo que a sociedade dominante tem como normativo. Essas observações estavam além da minha compreensão, quando eu simplesmente praticava os esportes.

Na Universidade Federal de Santa Catarina, mais especificamente no curso de Educação Física, dentre todas as áreas que aí são abordadas, como biológicas, sociológicas, pedagógicas entre outras, percebi que há uma lacuna na formação acadêmica: o tema gênero não é discutido,

nem incentivado entre @s<sup>1</sup> alun@s. Dessa forma, uma “ferramenta” tão importante para as diversas atuações d@ profissional não é oferecida na formação Para @s interessad@s nessa temática, é oferecida como forma optativa no currículo a disciplina “Gênero e Educação Física”, sendo que, no meu entendimento, deveria ser evidenciada, valorizada e até mesmo reforçada, devido à importância desse tema para a formação d@ profissional de educação física, seja professor@, técnic@, gestor@, etc... Apesar da pouca abordagem no curso, as discussões acerca de gênero e esporte têm ganhado um espaço maior nos estudos no Brasil e no mundo. Agripino Alves Luz Júnior (2001), por exemplo, analisa em sua dissertação de mestrado a produção científica da Educação Física brasileira nos programas de pós-graduação em Educação e Educação Física que tiveram como tema as relações de gênero nas décadas de 1980 e 1990.

Dessa maneira, procuro demonstrar nesse estudo, essas discussões e a importância da desconstrução dos estereótipos dentro dos esportes, da Universidade, e do próprio Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, CDS/UFSC, onde pouco se trabalha com a questão de gênero. Acredito que a maioria d@s acadêmic@s que sai da graduação, rumo à escola, a academia de ginástica, sem saber o que significa gênero, o que significa representações de papéis sexuais dentro da sociedade, podem atuar de forma preconceituosa, reforçando cada vez mais a estereotipia na Educação Física e na sociedade.

Para @s acadêmic@s que procuram a disciplina oferecida, amplia e diferencia o olhar sobre sociedade e a idéia da atuação sem a estereotipia, seja ela na raça, religião, sexo e outras categorias.

Diante da própria trajetória, dentro do curso de Educação Física, pude observar a pouca procura e interesse pela disciplina que trata da temática de gênero; percebi que o Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, assim como os docentes e discentes do curso não dão relevância à essa importante temática que, entre outras coisas, pode discutir uma hierarquia entre sexos construída em tempos imemoriais e refletida ainda hoje na sociedade.

A experiência de vida no universo esportivo e a formação no curso de Educação Física suscitaram alguns questionamentos como: Como podemos atuar nas diversas áreas da Educação Física, se subjugarmos as mulheres que atuam em um universo considerado masculino de uma sociedade patriarcal, taxando-as de invasoras, inferiores ou masculinizadas?

---

<sup>1</sup>Adotaremos o símbolo de arroba no lugar do artigo para descrever homens e mulheres com o intuito de substituir a universalização de sujeitos no masculino como já usado em outros trabalhos como na dissertação de mestrado de Luciene Neves Santos. (2008)

Para a historiadora Joan Scott (1995), gênero é uma forma se estabelecer socialmente relações e poder entre os sexos, isto é: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p.86). Ou seja, o gênero é construído socialmente de forma a se estabelecer uma relação entre homens e mulheres.

Para as estudiosas do movimento feminista, as relações de gênero foram construídas em decorrência de “normas, valores e representações enunciadas pelos discursos masculinos em função das diferenças biológicas. Criou-se assim o ‘sexo social’, onde o biológico naturalizado serve de fundamento para a distribuição de papéis, poderes e autoridade social” (REZENDE, 2009, p.24), trazendo uma suposta fragilidade e inferioridade intelectual atribuída às mulheres. Com tantas influências, reforço que @s acadêmic@s que não tiveram contato com essa disciplina, oferecida como optativa, saem da graduação reproduzindo essa relação sexista pré-existente na educação e no esporte. Desta forma, o esporte é reforçado como universo masculino, o que pode explicar minha experiência vivida desde a idade escolar até hoje.

Diante as questões vividas em minha vida escolar e acadêmica e ainda, os questionamentos com relação à sociedade em que vivemos e os estereótipos reforçados pela mídia e o esporte, levanto a seguinte questão como objetivo principal deste trabalho: quais são os papéis e estereótipos atribuídos à mulher atleta ao longo da história? Para isso, traço como objetivo complementar: identificar e analisar artigos que tratam da temática “mulher-atleta”, refletindo sobre os estereótipos vinculados a ela, conforme o período histórico e as modalidades esportivas. Ainda como objetivo secundário, procurarei perceber em que medida a categoria gênero se vincula, ou não, com a análise desses estereótipos.

## 2. CONHECENDO OUTRAS HISTÓRIAS

Desde sempre, aprendemos que nos primórdios, aos homens era atribuída a tarefa de caçar e proteger sua família de predadores e inimigos. Às mulheres, cabia cuidar sua prole e seus homens. Com essa imagem de protetora, a mulher trás consigo a imagem de frágil e progenitora, apesar de que registros em cavernas mostram que mulheres e até crianças participavam da caça. O que aconteceu foi um destaque maior aos feitos masculinos, uma vez que muitas vezes, foram eles que escreveram a história. (RUBIO & SIMÕES, 1999)

Em algumas civilizações mostravam-se matriarcais, com imagens de mulheres fortes, protetoras e deusas. Essa imagem foi destituída a partir do momento em que a Igreja, dirigida exclusivamente por homens, tinha total influência sobre as pessoas. Neste sentido, Maria do Carmo Saraiva (2005) nos diz que as sociedades pré-históricas indo-européias tinham o caráter matriarcal. Estas sociedades apenas conheciam deusas, como exemplo, Ártemis (Diana na mitologia romana) a deusa da natureza selvagem que reinava sobre bosques, montanhas e animais. Por ser imaculada, era considerada protetora das crianças e do parto. Mas, o mito Ártemis foi destituído, pouco a pouco, de seu caráter de força, caçadora e lutadora, reduzindo-se à imagem da virgem Maria na Idade Média.

### 2.1 A suposta “Fragilidade feminina”

Diante de contradições históricas como essa, pergunto-me como a mulher foi destituída de sua força, coragem e poder? De onde vêm os discursos de que a mulher é frágil, débil e incapaz, dos quais tanto já se ouviu falar?

Tentando desconstruir o conceito pré-concebido da fragilidade da mulher, trago um discurso de uma abolicionista do século XIX extraído do artigo de Miriam Adelman (2003) que demonstra que o “ser frágil” não está diretamente ligado ao “ser mulher”.

Aquele homem lá diz que as mulheres precisam de ajuda para subir nos coches, que precisam ser erguidas para passar sobre valetas e que sempre precisam ter os melhores lugares. Jamais alguém me ajudou a subir nos coches, a passar sobre uma poça de lama, ou me ofereceu o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Reparem nos meus braços! Trabalhei com o arado para plantar, levei os animais para as estrebarias, e nenhum homem pode mais do que eu. E não sou eu uma mulher? Trabalhei e comi tanto quanto um homem o pode

fazer - isto é, quando havia o que comer - e também agüentei o chicote tão bem quanto eles! E não sou eu mulher? Tive treze filhos, e vi quase todos serem vendidos como escravos, e quando minha angústia de mãe me fez gritar apenas Jesus me ouviu, ninguém mais! E não sou eu mulher?<sup>2</sup>

Percebemos há quanto tempo as mulheres são subjugadas, consideradas fracas e inferiores aos homens, porém, no discurso acima, encontra-se uma das exceções dessa tal fragilidade, apesar da imposta submissão de uma escrava frente a sociedade da época. No século XIX (do texto), o que se vê é uma fragilidade feminina para a burguesia, uma vez que uma mulher que discursa, é subjugada pela condição de mulher e tratada de maneira igual aos homens, no que diz respeito à escravidão. É a contradição de um discurso onde a delicadeza e a debilidade física nem sempre são marcas de todas as mulheres.

A partir da Revolução Industrial, em que a mulher era também uma força de trabalho, porém privada de participar dos eventos esportivos por serem consideradas debilitadas para esse fim, assim como mostra Saraiva (2005) quando afirma que a superação da imagem da mulher frágil, determinada a maternidade e não ao cuidado do corpo deu-se a partir da burguesia do século XIX.

Ao pensarmos nessa suposta fragilidade da mulher frente aos esportes, recordamos as características da educação no berço dos jogos olímpicos, a Grécia, onde havia duas cidades com grande destaque da civilização: Atenas e Esparta. Essa última conhecida por seu militarismo, tinha nos esportes uma maneira de educar os corpos assim como a filosofia educava a mente. Por isso, às mulheres era não só permitida, como estimulada a prática dos esportes. Elas só não podiam participar dos jogos olímpicos, já que esses eram vinculados à cidadania que por sua vez, era vinculada às guerras, função dos homens e por consequência, dos cidadãos. (RUBIO & SIMÕES, 1999) Diferentemente das mulheres atenienses, que até podiam participar de jogos e práticas esportivas na infância, porém na fase adulta, sua educação era voltada à vida doméstica e dedicação aos maridos. (Ibid, p.52) Talvez esteja aí um dos aportes culturais para a exclusão da mulher no mundo esportivo, já que a partir do momento que o esporte não se dissocia mais da masculinidade, da força e da virilidade, elas são excluídas, definitivamente, dessas práticas.

---

<sup>2</sup> (Sojourner Truth, 1797-1833. Abolicionista, oradora, ativista pelos direitos das mulheres e dos afro-americanos, especialmente os escravos libertados e fugitivos. Nascida na escravidão, emancipou-se aos 30 anos de idade.)

Já no início do século XX, no Brasil, Fernando de Azevedo, um destacado intelectual da época, defende a importância da Educação Física para meninos e meninas na escola, bem como a “abertura” das atividades para as mulheres, porém o estereótipo continua enraizado. Uma vez, que o autor, um médico eugenista, defende a Educação Física em prol de uma nação, afirma que o país precisa de homens fortes e viris e mulheres saudáveis para que possam gerar uma nação forte e saudável.

O que é preciso, no entanto, ter sempre em vista na educação física é a diferença do sexo (...) Os órgãos de agressão e defeza no homem reclamam violência de movimento, na mulher apenas gestos suaves, a quasi quietude. Por ex. o olhar do homem está habituado a produzir o medo e os signaes da energia e do mando; o da mulher é velludoso e educa-se em attrahil-os. A violência e o exercicio no homem criam as asperezas da superfície do corpo pelo desenvolvimento de ossos e músculos. A maternidade ou a sua predestinação avoluma as fôrmas do ventre, nos seios e nos membros inferiores. A visão destas fôrmas; sem claro-escuro, não tem angulosidades e é suave como a de um céu ou a de um lago e gerou toda a esthetica, porque o que nós chamamos bello é aquilo que pelas curvas ou outras associações remotas nos lembram fôrmas e estímulos genesicos, pórmenos que o pareçam. (Fernando de Azevedo, Da Educação Physica, *apud* Goellner e Fraga, 2003)

Porém, na mesma época (década de 20), eclodem no mundo as “mulheres-forçadas”, que eram mulheres extremamente fortes fisicamente e que demonstravam sua força em espetáculos circenses e teatrais. Mas para discursos como de Fernando de Azevedo, essas mulheres eram “esquecidas”. O silêncio com relação a elas era a forma do médico eugenista evitar que outras mulheres pudessem comprometer sua mais nobre missão, de “obreiras da vida”. (GOELLNER, 2005)

Apesar de quase um século da obra de Fernando de Azevedo (1920), percebemos que as idéias evoluíram muito, porém as barreiras a serem transpostas pelas mulheres, ainda hoje, são em torno do papel da mulher na sociedade.

No Brasil, um marco importante na história da mulher e do esporte, foi a participação de Maria Lenk nas Olimpíadas de 1932. A nadadora de 17 anos fez história ao ser a primeira brasileira a participar de uma Olimpíada, em uma época em que a mulher era criada para ser mãe e esposa. Porém, diante da ameaça de prejudicar o corpo da mãe e a masculinização da mulher, foi promulgado em 1941 no decreto-lei nº 3199 que: “[...] Às mulheres não se permitirá à prática dos esportes incompatíveis à sua natureza [...]”. Isso vinha de encontro com a ameaça a que se

referiam os médicos eugenistas da época, já que “o esporte é um lugar socialmente permitido para a expressão da beligerância e agressão, de maneira controlada”. (ELIAS, *apud* BETTI, 2002) Ou ainda como demonstra Elisabeth Badinter (*apud* SOUSA & ALTMANN, 1999)

os esportes que envolvem a competição, a agressão e a violência são considerados como a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que o adolescente ganha "status de macho", mostrando publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força e a vontade de ganhar e esmagar os outros. "Em suma, mostra que não é um bebê, uma moça ou um homossexual, mas um homem de verdade". (p.6)

Em pleno século XXI, podemos ver várias “Ártemis”, que por serem fortes e lutadoras, opõem-se à imagem da “fragilidade” da mulher pré-concebida pela sociedade patriarcal. Que apesar da sua “fragilidade”, ela é progenitora, que cuida e educa. E dentre essas mulheres, encontramos também a mulher profissional, como a mulher-atleta, que procura de todas as formas adentrar em um universo histórica e culturalmente tido como masculino, e demonstrar sua capacidade nos esportes, independente da suposta natureza de fragilidade. E com todas essas barreiras, elas ainda têm que conviver e combater a estereotipia.

## **2.2 O estereótipo e o feminino**

Entende-se por estereotipia como sendo: “o conjunto de características que ‘definem’ o papel do indivíduo, enquanto o papel é o conjunto de comportamentos esperados desse indivíduo”. (SARAIVA, 2005, p.37) Ou seja, o esporte como fator socializante, da forma estereotipada, apenas reproduz aquilo que a sociedade “espera”. É onde se encontra a diferença comportamental esperada e o esporte passa a ser o espelho da sociedade atual.

Desde pequenas, as meninas eram/são criadas para serem mães e cuidarem de seus maridos. Isso é facilmente percebido nos brinquedos e nos tipos de estímulos que as meninas recebem, se comparadas com os meninos. Estudos como o de Miriam Adelman (2003), sobre amazonas e jogadoras de voleibol, ilustram como os pais tendem a cuidar e proteger muito mais as meninas do que os meninos, estimulando a competitividade deles e considerando a atividade delas como hobby e se preocupando para que não se machuquem. Desta forma, os meninos têm a oportunidade de experimentar movimentos e situações que às meninas são privadas e ao contrário também acontece. Portanto, geram experiências corporais diferentes. Da mesma forma, há o incentivo da mídia, que passa uma imagem de mulher bela e de homem forte em grande parte de



seus veículos de massa, principalmente a televisão, e na qual, cada vez mais, às mulheres é atribuída, em primeiro plano, a beleza e, aos homens, a força e/ou inteligência. Detalhes simples, em uma propaganda de televisão, que até pode passar despercebido, mas que pode ter grande impacto na educação e formação de homens e mulheres. Por exemplo, uma propaganda de lava-louças que diz que se “não ficar satisfeita, devolveremos seu dinheiro”<sup>3</sup>, ou em outra, de um carro<sup>4</sup>, em que várias pessoas comentam sobre o veículo e, enquanto homens dizem que é confortável e potente, a mulher diz que é fácil de estacionar, uma alusão de que mulher tem dificuldades em estacionar o carro e/ou dirige mal. Reforçando o estigma de que mulher tem baixo raciocínio lógico e pouco poder de decisão, tornando a “sensibilidade” e outras características culturalmente femininas em características menos valorizadas. Enquanto as características tidas como masculinas são sempre positivas; força, virilidade, lógica, dinamismo, liderança, as características tidas femininas são fragilidade, docilidade, sensibilidade, entre outras que tornam a mulher dócil, obediente e fraca, características não condizentes com os valores de força e virilidade transmitidos pelos esportes, transformando as mulheres que praticam esportes uma oposição à dominação sexista de uma sociedade patriarcal.

### **2.3 Conflito e “erotização” da mulher atleta**

Evidenciando o papel da mulher-atleta, podemos observar em alguns estudos os conflitos gerados por essa “nova” personagem na sociedade patriarcal, cujo sucesso nos esportes, demonstra a diminuição do abismo biológico entre os sexos, imposto por essa sociedade, e que, assim, ameaça o mito da fragilidade feminina. (ADELMAN, 2003) Entretanto, nossa sociedade, ao procurar manter a superioridade do homem, faz da mulher-atleta um estereótipo de mulher masculinizada, com exceção dos esportes “ditos” femininos, como ginástica rítmica desportiva e nado sincronizado. Como é possível ver ainda, sobre o decreto de lei de 1941, onde o General Newton Cavalcanti interdita a prática de modalidades esportivas como as lutas, o rugby, o pólo, o pólo aquático, futebol, por serem modalidades violentas e não compatíveis às mulheres e estigmatizando essas modalidades entre as mulheres. (MOURÃO & MOREL, 2005)

---

<sup>3</sup> Propaganda da lava-louças Brastemp, veiculada em 23/04/2010 na Rede Globo de Televisão.

<sup>4</sup> Propaganda do carro Ford Focus, veiculada em 06/04/2010 na Rede Globo de Televisão.

A partir do momento em que as modalidades são associadas ao padrão de masculinidade, virilidade, força e agressividade, essas passam a estereotipar como masculinas e até mesmo como homossexuais as mulheres que as praticam. Segundo Kátia Rubio e Antônio Carlos Simões (1999), “a mulher foi considerada como usurpadora ou profanadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino”, o que é algo inadmissível para a supremacia masculina. Quando a sociedade patriarcal percebe essa invasão, em mais esse universo, permite às mulheres a presença, porém conota uma outra imagem, em que passa ela a ser admissível, o de musa. Esse é o papel em que as mulheres são aceitas nos Esporte e isso é retratado de forma bem ilustrativa como o que fez a equipe brasileira feminina de rugby em 2009. Após serem consagradas campeãs Sul Americanas na modalidade, conquistando a vaga para o Mundial, precisaram recorrer à uma manobra para “driblar” a falta de patrocínio para irem para Dubai, nos Emirados Árabes disputar pela primeira vez a competição: para arrecadar fundos para a viagem, as atletas posaram seminuas em um calendário para ser vendido. Na contra capa do calendário, elas dizem serem mulheres apaixonadas por um esporte associado à masculinidade, à força e à testosterona. Transpondo barreiras do machismo, do preconceito e falta de apoio, elas transformaram a imagem de masculinizadas em musas, ganhando repercussão nacional<sup>5</sup> e conseguindo, assim, serem vistas e divulgarem a inédita décima colocação conquistada no campeonato mundial.

Uma maneira clara de demonstrar o peso da mídia na (in)visibilidade das mulheres atletas. Como afirma Miriam Adelman (2003):

Considero também a questão da imagem das atletas na mídia impressa, pelo papel que essa mídia tem na produção de significados sobre o que é ser mulher, ou ser homem. A literatura internacional sobre as mulheres no esporte tem apontado a ausência relativa das atletas na mídia, o que se constata facilmente aqui mesmo com uma rápida olhada na seção esportiva dos jornais nacionais. Trabalho principalmente com a seção esportiva da *Folha de S. Paulo*, procurando identificar, no discurso e na iconografia, formas de representação da Mulher e da mulher atleta (p.8).

Corroborando com a reflexão da autora, trago alguns destaques encontrados em uma rápida busca na *internet*, logo após os Jogos Olímpicos de Inverno de 2010, tanto em *sites* jornalísticos quanto em *blogs* pessoais. Em primeiro momento, percebe-se a data dos artigos que mostram uma retrospectiva do ano de 2009 e os Jogos Olímpicos de Pequim, quase dois anos

---

<sup>5</sup>Elas estiveram no Programa Domingo do Faustão em 29 de março de 2009 da Rede Globo de Televisão.

antes, evidenciando a pouca visibilidade da mulher atleta na mídia. E em outro momento, observa-se o conteúdo das informações, onde os autores mostram as atletas como musas.

Há pouco o que dizer da musa maior do esporte em 2009, já que essa deusa do ébano brilhou com sobras nas quadras – e fora delas também, claro – faturando dois Grands Slams e detonando todas, sem dar chances, na copa do Mundo de fim de ano. Mas o problema é que sou suspeito de tanto o que já elogiei a Serena Williams por aqui e por perder muito da minha razão quando a beleza irrefutável encontra-se em destaque<sup>6</sup>.

As olimpíadas de Pequim terminaram, mas certamente algo vai ficar na lembrança dos homens. As Musas das Olimpíadas: Leryn Franco, Francesca Piccinini, Yelena Isinbayeva, Jennie Finch, Lucimara Silva<sup>7</sup>.

Whistler vira cenário para as musas da delegação americana<sup>8</sup>.  
Candidata a medalha em Vancouver, Lindsey Vonn também entra na briga pelo título de musa da Olimpíada<sup>9</sup>.

Musas dos Jogos Olímpicos de Pequim em fotos sensuais e flagras<sup>10</sup>.

Podemos evidenciar o apoio da mídia à essa cultura de corpo da mulher, carga que elas levam em seus treinamentos e suas vidas, pois a mídia fragmenta e descontextualiza o fenômeno do esporte, direcionando ao interesse do mercado, como afirma Betti (2002). Uma vez que a mídia atual rege o esporte de forma mercantilista, como um espetáculo, as influências que as pessoas sofrem perante a indústria cultural vigente em todos os aspectos (moda, consumo, linguagem, esporte, etc.) direcionam o foco de interesse frente ao esporte.

A partir do boom do marketing esportivo nos anos 70, grandes empresas multinacionais viram no esporte um grande veículo de propaganda de suas marcas, como a Coca-Cola e a Philips Morris, que começaram a patrocinar grandes eventos como a Copa do Mundo de Futebol e a Fórmula-1, respectivamente (PRONI, 1998). O dinheiro que começa aparecer no mundo esportivo, passa a ditar as regras do que é atrativo ou não ao público. Assim, como mostra Goellner (2005), no futebol, modalidade mais popular no mundo, no Brasil, foi necessário o apelo à beleza e à erotização dos corpos, para que se conseguissem patrocinadores para a

---

<sup>6</sup> Fonte: <http://umacapitalentrieroemanaus.blogspot.com/2010/01/seis-ou-sete-musas-e-atletas-em-2009.html>, acessado em 15/03/2010

<sup>7</sup> Fonte: <http://blogblogs.com.br/blog/musasdepequim-blogspot-com/links>, acessado em 13/03/2010.

<sup>8</sup> Fonte: <http://esportes.terra.com.br/vancouver2010/noticias/0,,OI4255663-EI14373,00-Whistler+vira+cenario+para+musas+da+delegacao+americana.html>, acessado em 13/03/2010.

<sup>9</sup> Fonte: <http://esportes.terra.com.br/vancouver2010/noticias/0,,OI4255663-EI14373,00-Whistler+vira+cenario+para+musas+da+delegacao+americana.html>, acessado em 13/03/2010.

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.tudoagora.com.br/noticia/6271/Musas-dos-Jogos-Olimpicos-de-Pequim-em-fotos-sensuais-e-flagras.html>, acessado em 13/03/2010.

modalidade, colocando em segundo plano a habilidade das jogadoras e a modalidade em si. Tãmanha foi a exposiçãõ da mulher que, nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004), as atletas do voleibol de areia exigiram que as câmeras fizessem tomadas mais abertas dos jogos e não fechassem a imagem em áreas erógenas de seus corpos causando-lhes constrangimento. Corroborando isso, Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005) demonstram que:

[...] a mídia impressa tenta com sucesso desmistificar a imagem masculinizada da esportista e veicula como estratégia do seu discurso a representação das musas esportivas na imagem de várias atletas femininas oriundas de diferentes esportes. Estas passaram a encarnar o ideal físico da mulher dos anos de 1980, que apresentava uma harmonia atlética em que a beleza da musculatura incidia mais nas curvas do que na hipertrofia (p. 80).

Dentre os sucessos e fracassos das mulheres atletas, estão a maior visibilidade que elas conquistaram ao longo dos séculos no esporte, até os estereótipos que sofrem pela modalidade ou serem transformadas em objetos sexuais para os homens que assistem ou acompanham suas modalidades esportivas, pois como outros estudos mostram, a maioria dos homens não leva a sério certas modalidades praticadas por mulheres, como as lutas; estas são mais vistas como uma forma de voyeurismo, já que são consideradas incapazes de executar uma atividade de força como as lutas.

A maioria das referências que fomos encontrando ao longo deste estudo, trazem, primeiramente, tanto na história das mulheres, quanto no contexto social, como parte de uma sociedade patriarcal e dominadora, uma imagem que as coloca como seres inferiores física e psicologicamente. Firmando a supremacia física e intelectual do homem. Depois, nos ilustra em diferentes épocas e modalidades, as barreiras a serem transpostas pelas mulheres e seu cotidiano esportivo.

Sua fragilidade física veio primeiramente da preservação da maternidade, única real e nobre função da mulher na sociedade, como demonstra a autora Silvana Goellner em seu livro “Bela, Maternal e Feminina”, acerca das publicações da “Revista de Educação Physica”, da década de 1940, que publicava seus artigos defendendo as atividades físicas para mulheres, desde que não prejudicasse o aparelho reprodutor feminino. Fisiologistas afirmavam, na época, que atividades como salto em distância e salto triplo causavam um deslocamento dos ovários, prejudicando a reprodução. Por outro lado, defendiam atividades que as tornassem cada vez mais belas e graciosas, que delineassem suas curvas para deleite dos homens. E, ainda, proibiam

esportes que as tornassem “masculinas”, que exigissem força e resistência, pois isso colocaria em xeque a tão defendida fragilidade feminina. Como se vê em outro texto da mesma autora juntamente com Alex Fraga (2003), intelectuais como Fernando de Azevedo, no início do século XX ignoravam e abominavam as mulheres que demonstravam serem mais fortes que os homens e defendiam a Educação Física para as mulheres com o fim de torná-las reprodutoras saudáveis de filhos fortes para defender a nação.

A fim de analisar e compreender os estereótipos atribuídos às mulheres-atletas ao longo de diversos contextos históricos, recorro a busca de documentos que dêem suporte e permitam descrevê-los.

Por isso, procurei investigar nesses documentos indícios das representações das mulheres frente ao esporte, assim como identificar a origem desses discursos tão opostos de fragilidade e masculinização.

### 3. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo, que procurou organizar discursos, por meio da busca de termos lingüísticos, que descrevessem nossos objetivos nos documentos selecionados, em busca de uma realidade que desejamos descrever, conforme explica Fiorin (*apud* CAPPELLE, MELO & GONÇALVES, 2003, p.10):

... há dois tipos de texto: os figurativos, que constroem um simulacro da realidade para representar o mundo e possuem uma função descritiva (representativa) e os temáticos, que procuram explicar a realidade, classificando-a, ordenando-a e estabelecendo relações e dependências para ela, com uma função interpretativa.

Frente às indagações feitas, procurei neste trabalho compreender os papéis e estereótipos atribuídos à mulher atleta segundo pesquisas em três (3) Revistas de Educação Física, recortadas entre 2000 e 2009, devido ao grande avanço nos estudos da mulher no âmbito esportivo, nesse período. Para isso, minha intenção foi reunir os trabalhos sobre a temática de gênero das três revistas científicas da área que sejam significativas da produção científica da área, de alcance nacional e que encontram-se sob a forma digital ou online.

Com este objetivo, optei pelas seguintes revistas; Revista Brasileira de Ciências do Esporte, revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Revista Movimento, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, antiga revista Paulista de Educação Física, editada pela USP. Para coleta dos artigos nas revistas, fiz a busca, utilizando os termos a seguir sob a forma de palavras-chave ou descritores: “educação física e treinamento”, “identidade de gênero”, “gênero”, “mulheres atletas”, “esportes”. Fizeram parte do corpo de análise desta pesquisa os artigos que utilizaram o referencial teórico de gênero, para em seguida restringir a amostra. Estabelecemos uma busca nas versões online das respectivas revistas.

O maior número de resultados obtidos foi com a palavra-chave “mulheres-atletas”, em um total de quatorze artigos (ANEXO I), sendo que desses, a maior ocorrência, foi na Revista Movimento, oito. Em segundo lugar, ficou a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, com quatro artigos; e por último, a Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, com dois documentos.

Após essa busca, foi feita uma leitura dos resumos contidos no início de cada artigo, a fim de identificar os artigos que tratam da temática mulher-atleta; identificar e analisar os estudos em

relação a: período histórico, ano de publicação, as modalidades esportivas e; analisar quais os papéis e os estereótipos atribuídos às mulheres-atletas. Para tal, recorremos a Bardin (1977) que nos dá na análise de conteúdo, uma divisão em três etapas: 1o ) uma pré-análise, 2o) a exploração do material e 3o) uma análise dos resultados e interpretação. Na primeira etapa sugerida por Bardin, utilizaremos os procedimentos de leitura flutuante dos resumos dos artigos encontrados, objetivos dos mesmos e termos-chaves que fundamentam a interpretação. No segundo momento, estabelecemos a relevância desses termos para os objetivos deste estudo com a leitura completa dos trabalhos e por último, o agrupamento dos elementos relevantes segundo as características comuns e a interpretação do que foi encontrado nos artigos.

Em seguida, o procedimento escolhido para condução da interpretação dos mesmos foi a análise de conteúdo. Segundo Laville e Dionne (1999) o princípio da análise de conteúdo “consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”.(p.214). Assim, procuro analisar os artigos encontrados com a finalidade de identificar a relevância da temática em tais revistas, o que foi encontrado dentro do período estabelecido, quais modalidades esportivas sofrem mais com os estereótipos, como a mulher atleta é vista, o peso da mídia sobre essas representações e quais indagações ainda encontram-se sem resposta dentro deste contexto.

Para auxiliar na análise foi elaborado um quadro descritivo dos artigos, a partir do qual iniciamos a compreensão dos textos e a respectiva análise (ANEXO II).

Assim, procurei interpretar como se configuram os estereótipos sobre a atuação das mulheres atletas em algumas modalidades esportivas e as subjetividades de masculino/feminino que foram construídas ao longo da história mulheres na sociedade ocidental, em relação à prática de alguns esportes considerados de premissas masculinas. Para esse trabalho, consideramos como mulheres atletas, tanto as profissionais quanto as amadoras.

Após processo investigativo, foram construídas as categorias de análises que serão desenvolvidas nos próximos capítulos: a mulher e o futebol, a mídia, o público e o privado e por fim o estereótipo e a mulher.

## 4. ANÁLISE DAS CATEGORIAS ENCONTRADAS

Frente ao que foi levantado quanto aos estudos de gênero e o esporte, encontram-se a seguir alguns fatores relevantes, senão fundamentais que reforçam a estereotipia da mulher atleta. Como citado anteriormente, os discursos opostos de fragilidade e masculinização partem de agentes de peso na sociedade, como no caso da mídia e o discurso médico que defendia a maternidade da mulher, limitando-a ao privado.

Levanta-se também a visibilidade do futebol no Brasil, principalmente em época de Copa do Mundo, quando todos viram suas atenções a um evento esportivo. Tamanha é a importância dessa modalidade quanto à sua popularidade e abrangência, que tantos documentos abordam a inserção da mulher nessa modalidade. Talvez por ser a modalidade que mais trata da masculinidade para sua prática, gerando assim um conflito frente às mulheres que o praticam. Por conseguinte, a discussão da sexualidade da mulher que ao praticar um esporte que exige força muscular, passa a ser fator de questionamento frente a orientação sexual da atleta.

### 4.1 O “cara” e a “madame”: o público e o privado no esporte

A discussão acerca dos domínios do público e do privado vem de muito tempo. A pré-determinação do papel da maternidade para a mulher levou-a aos domínios do trabalho doméstico, a fim de resguardá-la da concorrência ferrenha no âmbito público, lugar destinado aos homens.

Além dos quatro artigos<sup>11</sup> mais destacados, de alguma forma, a maioria dos documentos analisados mostra a determinação do público e do privado. O que acontece quando a mulher transpassa essa barreira invisível e adentra em espaços tidos como masculinos.

---

<sup>11</sup> Os artigos são:

Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. Goellner e Fraga. (2003),  
A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Soares e Knijnik (2007),  
Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. Ferretti e Knijnik (2007),  
Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização Mourão (2000),  
“Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!” A História das Mulheres nos Jogo Gregos. Chies (2006).  
Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Goellner (2007).



Historicamente, homens e mulheres possuem papéis socialmente dados. Desde a Grécia antiga, sabe-se que a educação entre meninos e meninas em Esparta e Atenas era diferente. Enquanto em Esparta, os homens eram educados para serem fortes física e psicologicamente para a guerra, as mulheres recebiam o mesmo treinamento físico militar que eles, porém com o intuito de gerarem filhos fortes para a nação. Já em Atenas, os homens recebiam educação intelectual e filosófica, as mulheres recebiam apenas a educação doméstica transmitida por suas mães (CHIÉS, 2006).

Ao longo de muitos séculos, vivenciamos o que Saraiva (1994) denominou de confronto de culturas entre homem e mulher, masculino e feminino; enquanto ao homem cabe a força, a racionalidade e o título de provedor, à mulher cabe o papel de cuidar dos filhos, do marido e da casa. Por isso, aos homens, compete a função de lidar com o público, quando sai para garantir o sustento de sua família. Às mulheres, fica o privado, reservado ao seio da família e do lar. A partir do momento em que as mulheres precisam sair do privado seja para sustentar a família<sup>12</sup>, seja para “competir” com o homem na vida social, ela passa a ter trabalho dobrado, já que socialmente, não era/é aceito que a mulher abandone o lar e/ou a família.

No início do século XX, os discursos médicos que associavam os papéis sociais das mulheres em supostas características físicas como fragilidade, falta de força física, resistência e destreza, impediam as mulheres de praticarem atividades físico-desportivas. Segundo Mourão (2000), mulheres criadas para serem belas e parideiras não adentravam no universo sagrado masculino dos esportes e as que tinham acesso às poucas modalidades permitidas, eram as da elite, quando tinham o apoio da família, porém se restringia ao espaço privado. Mesmo diante de feitos como da nadadora Maria Lenk, os discursos sobre a fragilidade da mulher ganhavam força no país. O “desgaste menstrual” sugeria que as mulheres repousassem durante o período. O que se percebe, portanto, é um “desaconselhamento de atividades que requerem ou desenvolvem a força muscular para o sexo feminino”, segundo Ezagui (*apud* MOURÃO, 2000, p.12).

A vitória brasileira no Sul Americano de natação, comemorada pelo país onde as campeãs Maria Lenk e Piedade Coutinho foram recebidas pelo presidente Getúlio Vargas como heroínas, empolgou as moças a praticarem de “forma moderada” um esporte como a natação já que “não prejudicava as virtudes femininas de graciosa fragilidade, impostas pelo machismo dominador”

---

<sup>12</sup>A mulher sai do privado desde a Revolução Industrial, quando precisa adentrar as fábricas para poderem auxiliar os homens no provento da família.

(LENK *apud* MOURÃO, 2000, p.13). Os discursos higienistas e eugênicos predominaram durante a primeira metade do século XX, transformando e cristalizando os papéis sociais da mulher em características biológicas de fragilidade e suscetibilidade. Reforçando a idéia de que o lugar da mulher não era no público e sim no privado.

Em contrapartida, é natural que o homem pratique esportes, uma vez ser este considerado o universo onde ele demonstra toda sua força, virilidade e capacidade de superar o adversário, reproduzindo o que Miriam Grossi (2004) nos traz sobre o trabalho do sociólogo Daniel Welzer-Lang onde:

Ele compara as sociedades tribais com as ocidentais no que se refere à violência como constituidora da masculinidade, a partir do que ele chama de “casa dos homens”, lugar que existe no centro das aldeias tribais só freqüentado pelos homens, o qual os meninos começam a freqüentar no decorrer do seu crescimento. Para o autor, as casas dos homens da cultura ocidental são inúmeros lugares onde “se aprende a masculinidade”, como os lugares de práticas de esportes masculinos, pois o esporte é um desses lugares centrais da constituição da masculinidade (p.8)

Esse simbolismo da masculinidade no esporte é verificado por Almeida (2008), quando mostra em seu trabalho, uma pesquisa de Elias e Dunning sobre a sociologia do esporte, onde identifica que o *rugby* era “luta simbólica”, assim

o início do *rugby* como uma atividade que baseou-se num *ethos guerreiro*, onde a bola possuía pouca importância, “os confrontos eram jogos de pontapés indiscriminados, atos nos quais o fato “viril” consistia em enfrentar o adversário e dar caneladas mútuas” (p. 2).

Assim, frente essa representação social incutida nos esportes é que se cristaliza cada vez mais a posição superior masculina neste universo, sendo um tabu para a mulher que o adentra. O que acaba por refletir que

o domínio do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, racionalidade, atividade, objetividade. O domínio do feminino é o privado, o doméstico ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade, subjetividade. (SOUZA & KNIJNIK, 2007, p.39)

Desta forma, quando a mulher atleta demonstra as ditas características masculinas nas práticas esportivas, constantemente são alvos de preconceitos, estereótipos e estigmas, fazendo

com que elas reajam feminilizando sua imagem para que possam ser reconhecidas tanto como mulheres quanto atletas de elite (SOUZA & KNIJNIK, 2007).

Portanto, é importante destacar que todo esse simbolismo e representações de papéis sociais inculcadas nos esportes traz as marcas de gênero com relação aos homens também. Assim demonstram Souza e Knijnik (2007) quando se referem a esportes determinados socialmente; como “futebol *feminino*” ou “voleibol *masculino*”, mesmo que hoje certas modalidades para os homens não sofram o mesmo preconceito, ainda existe muita resistência em outras como patinação artística, por exemplo.

#### **4.2 A mulher no país do futebol (masculino)**

O futebol é considerado um esporte de fácil acesso quanto à sua prática. É comum ouvirmos histórias de grandes jogadores que começaram a desenvolver a paixão pela modalidade com as famosas peladas na rua com bolas feitas de meias.

Todavia, se o futebol é um espaço tão democrático, pergunto-me o porquê de tantos documentos que tratavam das barreiras a serem transpostas pelas mulheres na modalidade<sup>13</sup>. De todos os artigos analisados, 6 artigos<sup>14</sup> tratam dessa temática, talvez pela vinculação do futebol à masculinidade.

O esporte é considerado um fenômeno cultural de grande influência na sociedade e é por isso que ocupa um espaço tão importante na mídia, como aponta BOUET (*apud* SOUZA & KNIJNIK, 2007, p.37): “o esporte intervém e participa de todas as grandes problemáticas sociais, da educação à política, passando por questões demográficas, geográficas e mesmo jurídicas”.

Em ano de Copa do Mundo de futebol, é quase impossível ficarmos alheios ao que acontece no Brasil. O país inteiro se mobiliza. As pessoas organizam festas para reunirem-se em

---

<sup>13</sup> Decreto-lei nº 3199 que: “[...] Às mulheres não se permitirá à prática dos esportes incompatíveis à sua natureza [...]”

<sup>14</sup> São eles:

As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. Mourão e Morel. (2005),  
Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Rigo, Guidotti; Theil e Amaral (2008).  
A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Soares e Knijnik (2007) Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Goellner (2005), Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. Ferretti e Knijnik (2007),  
Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. Rigo, Pardo, Figueiredo, Rodrigues e Silveira. (2005).

frente do televisor. São parentes, amigos, colegas de trabalho para cantarem, com orgulho, o hino nacional ao início de cada jogo. As pessoas demonstram um patriotismo incomum aos outros anos que intercalam as Copas. Empresas procuram se adequar para que seus funcionários possam acompanhar os jogos. Mas, pergunto-me, por que não há essa mobilização e demonstração de patriotismo, por exemplo, quando há eleições? Acredito que não há como responder a essa pergunta sem, ao menos, considerar o papel da mídia. Considerada o quarto poder, ela influencia e é influenciada pelas pessoas que a consomem. É estrondosa a cobertura da mídia brasileira sobre a Copa do Mundo. Grande parte das propagandas correntes em vários veículos de mídia faz alusão, ou são de patrocinadores da seleção brasileira de futebol. Dentre as mensagens de incentivo, título de heróis aos jogadores e promoções, o campeonato passa a ser o evento mais importante do ano, talvez ultrapassando inclusive as eleições para presidente e governador, que “coincidentalmente”<sup>15</sup> sempre acontecem em ano de Copa.

Indagando tais questões em uma roda de conversa informal, é comum ouvir o argumento de que no “país do futebol” não se pode esperar outra reação da população. Desta forma, não deveríamos redefinir tal *status* para o “país do futebol masculino”? Uma vez que sobre a Copa do Mundo de futebol feminino, estamos longe de ver uma cobertura midiática na proporção que podemos acompanhar no futebol masculino. Aqueles que se interessam pelo futebol feminino e outras modalidades, e que têm acesso, acompanham via *internet* e/ou televisão a cabo.

Mas então, se o Brasil é país do futebol, por que dessa (in)visibilidade do futebol feminino e de outras modalidades? Poderíamos discorrer em uma tese para tal discussão, mas nos atentaremos aos dados que nos trazem os artigos investigados. Concordando com Goellner (2005) que levanta duas possibilidades; a suposta masculinização da mulher futebolista/atleta e a normatização da beleza e feminilidade imperativa à mulher. Porém, faremos uma retomada histórica do futebol a fim de compreender tais afirmações. Para tanto, recorro, primeiro, que o futebol foi trazido ao Brasil em 1894 por Charles Miller, porém, a mulher arriscou seus primeiros dribles algumas décadas depois. Em sua obra, “o historiador José Sebastião Witter afirma, em nota de rodapé ao texto de sua *Breve História do Futebol Brasileiro*, que no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, em São Paulo” (FRANZINI, 2005, s.p.). Porém, segundo Mourão e Morel (2005), havia registros de mulheres

---

<sup>15</sup> Aqui, faço uma analogia à política do “Pão e Circo” da Roma antiga, onde o império distribuía pães e promovia espetáculos esportivos em suas arenas, a fim de satisfazer o povo.

que jogavam o futebol na década de 1930 e 1940. Nesta época, os jornais retratavam os jogos femininos de forma caricata, onde se acentuava a falta de habilidade das mulheres com a bola, tornando o jogo um evento de comédia (MOURÃO & MOREL, 2005). Corroborando com essa idéia, Franzini (2005) trás uma coluna escrita na *Gazeta Esportiva* de São Paulo sobre um jogo feminino que seria preliminar entre São Paulo e América em 1940, no recém inaugurado estádio do Pacaembu na capital paulista:

Quem conhece educação física e sabe, pois, quais os esportes que a mulher pode e deve praticar, dadas as suas condições fisiológicas, pasma ante tal "espetáculo" que se quer levar a cabo. O futebol é condenado até para rapazes menores de 17 anos, e é proibido terminantemente para as mulheres. Qualquer simples monitor de ginástica sabe que a educação física feminina é dosada e é necessário controlá-la. No próprio atletismo, que é o esporte-base por excelência, a mulher só pode praticar determinadas provas, e assim mesmo dentro de normas e cuidados especiais. O bola ao cesto praticado pela mulher não é ainda muito aconselhável. As próprias leis de jogos são diferentes das masculinas, justamente por ser exaustivo o emprego físico. Somente o tênis e a natação são aconselháveis, assim mesmo com moderação. Agora temos aí o futebol feminino — a última invenção carioca — a querer tentar a sua vida em nossa Capital, dentro de um Estádio Olímpico, que é o do Pacaembu, com um enorme cartaz de propaganda barulhenta. (*Gazeta Esportiva*, 05/06/1940, p.2)

Entre 1950 e 1960 existem menos registros, já que em 1941, no Brasil, foi assinado o decreto-lei que proibia a prática de esportes não condizentes com a suposta natureza (frágil) da mulher. Na década de 1930 e 1940, alguns jornais davam apoio aos times femininos que surgiam no Brasil publicando seus jogos de maneira entusiasmada, porém causavam a ira dos moralistas da época como essa carta enviada de um cidadão comum ao presidente Getúlio Vargas faz com que o Estado e a Medicina vissem de maneira negativa esse crescimento entre as mulheres:

Refiro-me, Sr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a *ser mãe* ...  
Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes; pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol *com um grupo de cegos* a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de

guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da "nobre arte", cuja *nobreza* consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue (grifos do original, FRANZINI, 2005, s.p.).

Em resposta, o governo, através da divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, que, por sua vez, a repassou à sua Subdivisão de Medicina Especializada apoiou a carta do cidadão afirmando que a literatura da época provava cientificamente que o futebol e outros “esportes violentos” causavam danos à “frágil” condição física das mulheres (FRANZINI, 2005)

Em contrapartida, Rigo *et. al.* (2008) mostra em seu trabalho a grande publicidade e simpatia que o futebol feminino de Pelotas recebeu no ano de 1950, ano que já existia o decreto-lei que proibia a prática de atividades não condizentes com a mulher. Os autores mostram que apesar da aceitação do futebol feminino na época naquela região, anos mais tarde (1964), especifica a proibição do futebol quando o Conselho Nacional de Desportos delibera uma lista de modalidades proibidas.

“quando maior era a atividade dos clubes femininos em nosso estado, eis que o CND, em nota fornecida hoje, anunciou a proibição de jogos de futebol feminino em todo o país, por achar que o referido não se coaduna com a forma física do ‘belo sexo’” (*Jornal Diário Popular*, 23 nov. 1950, p. 5 *apud* RIGO & *et. al.*, 2008).

Com algumas exceções, o futebol feminino sofreu preconceitos praticamente desde sua criação. Quando apoiado pela mídia, era massacrado pela sociedade, que por sua vez influenciava a mídia. E quando era condenado pela imprensa, essa recebia os aplausos dos machistas e moralistas, preocupados com o bem estar das mulheres, quando na verdade, a preocupação maior era com a subversão dos papéis, uma vez que as mulheres abandonaram o privado e “invadiram” o espaço público masculino, deixando de lado, o que para eles era a principal função da mulher: ser mãe (FRANZINI, 2005). Principalmente em uma época de discursos eugenistas, que transferiram para a mulher a incumbência de gerar filhos fortes e saudáveis em prol da nação (MOURÃO & MOREL, 2005)

Já nas décadas de 1970 e 1980, o futebol feminino ganha mais força com os clubes femininos e as moças que se reuniam para jogar nas praias do Rio de Janeiro. Assim, começa a aparecer mais na mídia, porém quase sempre com reportagens acompanhadas com o papel social da mulher, como: “O futebol depois da louça lavada” (MOURÃO & MOREL, 2005). E quando

as mulheres agiam de maneira contrária a esses papéis sociais ditados, eram estereotipadas e tidas como masculinizadas.

Nos anos 80 e 90, a mídia tenta diminuir essa imagem masculinizada das mulheres atletas e as transformam em musas, passando a serem donas de corpos ideais, de formas harmônicas. Como demonstram Mourão e Morel (2005), quando retratam um episódio recente ocorrido em 2003, na convocação da seleção brasileira feminina de futebol que disputaria o mundial. O técnico dessa seleção à época, Paulo Gonçalves, demonstrou de maneira clara que a convocação de Milene Rodrigues (esposa de Ronaldo na época), trazia mais visibilidade ao time por ser bela e a condição de esposa de uma celebridade do que propriamente por suas qualidades técnicas.

Apesar de todas as considerações acerca da participação da mulher no futebol, ainda encontramos opiniões como de Lovisoló *et. al.*(2006) de que seria uma “infiltração” em um espaço masculino onde as mulheres buscam reconhecimento e retorno financeiro a exemplo de seus colegas homens. Respeitando a opinião dos autores, considera-se, frente a isso, que o avanço dos estudos feministas e de gênero tenha trazido grande evolução quanto a entrada da mulher nos esportes, porém demonstra que estamos longe de uma igualdade quanto à visibilidade da participação feminina dentro das quatro linhas de um esporte considerado dos mais democráticos.

#### **4.3 O papel da mídia na (in)visibilidade das atletas**

Esta categoria desenvolveu-se em virtude de 6 artigos<sup>16</sup> que desvelam o papel da mídia. A respeito do título, deve-se a importância da mídia na (des)construção de ícones esportivos frente ao esporte espetáculo.

A fim de quebrar a imagem da mulher atleta masculinizada, a mídia nos trás a musa, dona do corpo perfeito frente da normatização do belo, como mostram Souza e Knijnik (2007) que “a maneira como as mulheres atletas se mostram na sociedade, seus comportamentos e seus corpos,

---

<sup>16</sup> Os artigos são os seguintes:

A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Soares e Knijnik (2007),

Skate e mulheres no Brasil: Fragmentos de um esporte em construção. Figueira e Goellner (2009),

Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades, Adelman (2006),

As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. Mourão e Morel. (2005),

Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias, Ferretti e Knijnik (2007),

Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização Mourão (2000).

são ditados pela sociedade e reforçados pela mídia, onde são moldadas de forma a destacar sua sexualidade, ou atributos físicos, em detrimento ao rendimento esportivo”. (p.35)

No lado oposto desta discussão encontra-se a imagem da mulher retratada em esportes considerados culturalmente masculino, Figueira e Goellner (2009), retratam a história da mulher no *skate*. E como a (in)visibilidade da mulher atleta na mídia pode ser prejudicial para seu desempenho. As autoras mostram que o esporte surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos e já nas décadas de 1970 e 1980, homens e mulheres já praticavam no Brasil, porém elas eram invisíveis à mídia. As autoras destacam um livro que faz uma retrospectiva do *skate* no Brasil entre 1970 e 2000. Apesar de mulheres como Leni Cobra considerada uma “lenda” no esporte nos anos 80, sequer é mencionada no livro de Eduardo Britto (*apud* FIGUEIRA & GOELLNER, 2009), intitulado “Onda Dura: 3 décadas de *Skate* no Brasil”. O único registro trazido pelo autor é de que em 1995 foi realizado o 1º Campeonato Feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini. Além disso, traz duas imagens que vinculam mulheres ao *skate*; uma é a campeã Giuliana Ricomini segurando o *skate* com as costas desnudas mostrando a tatuagem e a outra uma modelo desfilando com o torso nu e os seios sendo cobertos apenas pelo *skate*. Ou seja, associando a mulher e o *skate* à beleza da mulher e não às suas habilidades sobre a prancha como os homens que eram fotografados em ação de suas manobras. É notório o processo de hierarquização nesse esporte onde os homens estão no centro.

Sobre esse aspecto, Louro (2005) afirma que, o não questionamento dessa postura, “[...] nos faz acreditar em sua universalidade e permanência, nos ajuda a esquecer seu caráter construído e nos leva a lhe conceder a aparência natural” (p.44). Com a finalidade de desconstruir essa hierarquia dos homens sobre as mulheres, Figueira e Goellner (2009) buscaram fontes alternativas de informação, tirando assim, o véu da marginalização da mulher que pratica o *skate*. Em *sites*, *blogs* feitos por e para mulheres *skatistas*, as autoras descobriram mulheres que competiram de igual com os homens da década de 80 e 90 e que acabaram por desistir da modalidade pelo preconceito e a falta de incentivo, já que em documentos oficiais elas não existiam. Em 2005, dois brasileiros venceram o Mundial de *Skate*, um na modalidade vertical e o outro na *street*, e o fato teve grande repercussão na mídia. Porém, o que não foi divulgado, nem mencionado, é que uma brasileira também conquistou o título de campeã mundial na modalidade vertical.



Diante esses fatos, as próprias mulheres criaram formas de divulgar o *skate* feminino, além de criarem uma associação para elas. Somente assim elas conseguem manterem-se na modalidade sem serem esmagadas pelos discursos, a hierarquização e o preconceito em mais essa “modalidade masculina”. Apenas através da visibilidade e a desnaturalização do *skate* para homens, as mulheres poderão praticá-lo sem serem estereotipadas.

Em suma, a visibilidade da mulher em modalidades tidas como masculinas, depende muito do que a mídia transmite, da mesma forma que pode ridicularizar, pode engrandecer as jogadoras, depende da vontade de quem está no domínio dessa relação de hierarquia sexista nos esportes, considerando que poucas, senão raras, mulheres estão em posição de dirigentes e poder no esporte, como a ex nadadora Patrícia Amorim, eleita presidente do Clube Regatas Flamengo, em 2009.

Além da (in)visibilidade que as mulheres atletas sofrem por parte da mídia, há também a maneira como elas são mostradas. Souza e Knijnik (2007), mostram em seu estudo o quanto, quando e como essas mulheres são retratadas em um dos principais jornais do país, a *Folha de São Paulo*. Nesta pesquisa, os autores mostram uma diferença de 700% entre a visibilidade das modalidades masculinas e as femininas e, enquanto aos homens usam-se adjetivos como herói, habilidade, ídolo, líder, às mulheres são destinados adjetivos relativos à sua aparência, a feminilidade, infantilizando-as, parecendo sugerir proteção, quando não de masculinizadas. Corroborando com Goellner (2005) que afirma que a imagem da mulher é naturalmente vinculada à feminilidade e essa, por sua vez, ganha o significado de beleza e delicadeza, o que se torna incompatível com a normatização da virilidade e masculinidade do esporte.

Todo esse poder da mídia faz com que o esporte, a modalidade, o/a atleta sejam valorizados, patrocinados e vangloriados da mesma forma que podem ser ridicularizados, erotizados e não levados a sério frente ao seu desempenho. Fato facilmente observado no futebol, onde os homens são ídolos e ganham milhões entre salários, patrocínios e publicidade, enquanto as mulheres que o praticam, mesmo tendo desempenhos considerados às vezes melhores que os homens<sup>17</sup>, não vivem disso, com algumas exceções. Elas precisam trabalhar em outras profissões para sustentar suas famílias. Quanto à família, aos homens, são referidas matérias destacando-os como excelentes atletas e devotados pais; já acerca das mulheres, mostram a dificuldade delas de

---

<sup>17</sup>A seleção brasileira feminina foi campeã Pan Americana em 2007 e vice-campeã nas Olimpíadas de 2008.

sair do privado para se dedicarem à modalidade que praticam, ou a surpreendente decisão de deixar o filho pequeno aos cuidados de alguém pra disputar um campeonato.

Com relação à erotização do corpo feminino, outro estudo nos evidencia isso através dos dados que mostram como, por exemplo, emissoras como a ESPN, veiculam as lutas livres femininas como um evento de *voyeurismo* e erotismo, quando não cômico ao espectador homem heterossexual (FERRETI & KNIJNIK, 2007). Outra evidência dos autores é o fato de que nas Olimpíadas de Atenas em 2004, as jogadoras de voleibol de areia exigiram que as tomadas feitas pela TV fossem mais abertas, a fim de mostrar o jogo e não fechar as tomadas em partes erógenas de seus corpos.

O que também é evidente é o que mídia dita com relação ao ideal do corpo masculino e do feminino. Com apelos eróticos em seus programas de televisão, onde corpos “perfeitos” desfilam, a mídia, auxiliada pela moda faz com que homens freqüentem academias para a hipertrofia muscular e, assim, ganhem um *status* de másculo frente aos outros homens, enquanto que com as mulheres acontece de forma diferente. As mulheres consideradas musculosas não possuem o mesmo reconhecimento que os homens. Elas, para serem consideradas ícones, precisam ter o corpo considerado “perfeito”, com seios grandes e glúteos desenvolvidos. Dessa forma, elas passam a ser vistas como “presas” (HANSEN & VAZ, 2006).

Ou seja, os trabalhos mostram a grande importância da mídia frente ao esporte feminino. A maneira como as mulheres são retratadas pelos veículos de comunicação, influencia e muito como a sociedade vê os esportes e as mulheres atletas. A grande preocupação dos autores dos artigos é desconstruir esses dois conceitos tão extremos de erotismo e masculinização dos corpos, que ofuscam o objetivo do esporte; o desempenho.

#### **4.4 Mas afinal, será que ela é?**

Finalmente chegamos a um ponto que vários documentos questionam além dos 6 artigos<sup>18</sup> que debatem mais sobre a imagem de masculinização da mulher atleta. A vinculação do corpo

---

<sup>18</sup> São eles:

A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Soares e Knijnik (2007),

Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades, Goellner (2005),

Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades, Adelman (2006),

Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias, Ferretti e Knijnik (2007),

Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico, Rigo, Guidotti, Theil e Amaral (2008).

forte da mulher à homossexualidade e relevância de tal conceito, já que o discurso velado diz que o esporte é sinal de masculinidade.

Segundo Castellani Filho (1997), o esporte é um dos fenômenos culturais mais importantes da contemporaneidade. E com isso, o esporte de rendimento visto como esporte-espetáculo está entre os elementos mais influentes da sociedade atual. Graças a esse papel, o esporte tem tanta importância nas significações sociais. Mas, por estar ligado ao masculino, o esporte trás para as mulheres o temor da masculinização, a estereotipia não o destaque de seu desempenho esportivo.

A universalização masculina do esporte vem desde a Grécia antiga, quando era proibida a participação das mulheres nos eventos esportivos, mesmo sendo permitida a prática de algumas modalidades. A mitificação da fragilidade da mulher veio da soma de valores construídos ao longo da história, desde a destituição da força das deusas mitológicas pela Igreja.

Até agora, vimos os discursos acerca do mito das limitações físicas e biológicas da mulher, que tentaram a justificar a ausência das mulheres nas atividades físicas devido a sua frágil condição e nos danos que os esportes causariam as suas estruturas reprodutora e maternal. Após esse período, a doutrina eugenista do início do século XX, faz com que a sociedade naturalize a condição doméstica da mulher, porém introduz a atividade física para elas a fim de que gerem filhos saudáveis em nome da pátria forte. Ainda sob essa ótica, é defendida a idéia das formas das mulheres, de sua beleza e delicadeza.

Mas, então, se vimos toda essa representação da imagem feminina e a representatividade masculina dos esportes, qual é a imagem das mulheres atletas que os praticam com a finalidade do alto rendimento?

Se o esporte é sinônimo de força, destreza, músculo, velocidade, as mulheres que apresentam essas características precisam, de alguma forma, feminilizar seus corpos a fim de fugir, então, do estigma da homossexualidade, vista como anormal.

Hoje, é comum encontrar mulheres em academias praticando lutas como o boxe e o *muay thai*<sup>19</sup>, porém, como sabemos, muitas usam luvas de boxe cor-de-rosa para caracteriza-las como femininas. Ferreti e Knijnik (2007) mostram que, da mesma forma, elas tendem a justificar a prática da modalidade com discursos que defendem a heteronormatividade, no sentido de que a

---

Doping e mulheres nos esportes. Deive e Votre (2005).

<sup>19</sup>Luta de origem tailandesa, que alia os golpes do boxe com chutes.

referida luta “fortifica os glúteos”, parte do corpo da mulher que faz parte do imaginário masculino.

Quando as mulheres quebraram a barreira do privado e adentraram no mundo esportivo, elas receberam uma re-significação frente aos homens, seja como musas ou como masculinas.

Como vimos, historicamente as mulheres que praticavam esportes que não condiziam com o que recomendava a sociedade e a comunidade médica, eram vistas como masculinas. Mulher tentando “igualar-se” ao homem era uma idéia inconcebível na época. Quando elas conseguiram, aos poucos, e de maneira discreta, adentrar no mundo esportivo, percebeu-se uma forte associação das mulheres atletas com a imagem de musa, para Mourão e Morel (2005), a mídia foi um dos principais fatores.

Apesar desta representação midiática, os questionamentos acerca da sexualidade da mulher atleta continuam latentes visto que numa sociedade onde a normatização vem do homem, branco, católico e heterossexual, a homossexualidade, conforme afirma Rezende (2009), é tida como anormal e patológica. Isso leva a que a mulher atleta procure reafirmar sua heterossexualidade a fim de fugir da estereotipia e do preconceito, como afirma Adelman (2006).

Esse aspecto não tem sido suficientemente investigado e esclarecido, como destacam Rubio e Simões (1999), ao afirmar que

[...] com algumas exceções, a heterossexualidade não tem sido problematizada como um princípio organizador na literatura sobre gênero e esporte. Isso é surpreendente na medida que o corpo é um importante símbolo de sexualidade e que o esporte é uma instituição social que busca focar o físico (p.53).

Devido a essa importância, é que discutimos a influência que a estereotipia causa nas meninas que se iniciam nos esportes e as jovens que acabam por desistir da modalidade com medo de serem rotuladas. Como mostram Ferreti e Knijnik (2007) em seu trabalho sobre mulheres que praticam lutas, elas iniciam a modalidade na infância e normalmente desistem na adolescência. Nesse sentido, não é “bem vista” uma menina que luta. Portanto, a perseguição da mulher que invade um universo culturalmente masculino como o esporte, faz com que elas se protejam de alguma forma, seja se feminilizando na prática da modalidade, seja desistindo da prática. Elas sentem a necessidade de se mostrarem mulheres e femininas. Adelman (2006) reforça este aspecto exemplificando com o caso do voleibol, no qual as atletas preocupam-se com as roupas e a maquiagem que usam para que não sejam classificadas como “machão”.

Porém, as mulheres atletas que saem da normatividade da sociedade, passam a ser estereotipadas e rotuladas pela gestualidade esportiva. Ou seja, em determinado momento pontuado pelo tempo e espaço;

[...] as representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam nossa pele, nossos gestos, nossos músculos, nossa sensibilidade e nossa movimentação. Melhor dizendo: as marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias (GOELLNER, 2007, p.183).

Essas representações são capazes de cristalizar na pele, no comportamento, na maneira de se movimentar. Nesse sentido, também Rezende (2009) afirma que “[...] o que o sujeito sente interiormente, como age socialmente e como expressa sua sexualidade é o efeito de mecanismos de autodomesticação, segundo as práticas regulatórias do social/sexual” (p.34), ou seja, aquilo que a sociedade dita como normativa é que molda a maneira que o sujeito se mostra socialmente.

Em um ambiente tido como masculino, a mulher que se destaca nos esportes, passa a ser musa ou masculina, dependendo da maneira como ela se *mostra* mulher. Assim, a fim de “preservar” as mulheres atletas dessa imagem masculina ou homossexual, a mídia tende a transforma-las em musas (FERRETI & KNIJNIK, 2007, p. 73). Haja vista a quantidade de mulheres atletas que posaram para revistas masculinas ou que se produzem para eventos sociais de maneira perceptivelmente não muito familiarizadas com as gestualidades e vestimentas exigidas para esses eventos a fim de esconder a orientação sexual. Já que segundo os condicionamentos sociais, elas não são mulheres que desempenham um papel esportivo eficaz, são mulheres que sabem movimentarem-se como homens. Hart (*apud* AZEVEDO, 1988, p.27). concordando com Devide e Votre (2005) quando afirmam que a mulher atleta que demonstra sua força, velocidade e potência, passam a ter sua sexualidade questionada e até mesmo sua identidade sexual colocada a prova. E acabam então chegando ao grande dilema: seguir o padrão cultural da feminilidade ou desenvolver seu corpo a fim de otimizar seu desempenho esportivo.

Frente a tantos debates e sugestões, uma questão ainda não foi esclarecida; afinal, será que ela?

Como foi levantado várias vezes, o esporte é considerado um âmbito masculino, portanto, a mulher que desenvolver os atributos considerados masculinos de força, destreza, potência e velocidade, saindo da normativa de delicadeza, fragilidade e obediência, será taxada como

homossexual ou ainda como classifica Goellner e Fraga (2003) “meio-homem”. Porém, a pergunta deveria ser: “realmente importa se ela é?”

Nenhum dos documentos analisados, que trazem os discursos de várias épocas, comprova-se que a mulher que pratica o esporte e que transforma seu corpo dito frágil em um corpo forte, tenha alguma relação à orientação sexual. Ou seja, as atletas têm que estar constantemente representando um papel. Sejam as que são homossexuais e acabam por esconder sua orientação, no sentido de mostrarem-se femininas e não serem julgadas ou discriminadas por sua forma física. Em contra partida, as heterossexuais, mostram-se musas e/ou mães a fim de reafirmarem sua heteronormatividade, apesar de serem atletas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse estudo, podemos verificar os paradoxos existentes entre os discursos e as representações sobre a participação da mulher nos esportes. Desde da Grécia Antiga, onde as mulheres praticavam atividades físicas, porém era vetada a participação de eventos esportivos. Até a época em que era completamente proibida a prática até a defesa dos esportes para a manutenção da saúde das mulheres a fim de que elas fossem saudáveis para gerar filhos fortes.

A partir do momento que a mulher descobre que pode controlar sua maternidade de acordo com sua própria vontade, ela passa a descobrir sua sexualidade e novas possibilidades de sair do mundo privado e participar do público seja na política, na cultura ou nos esportes.

Porém, quando as mulheres começam a ter sucesso em suas práticas esportivas, elas passam a serem masculinizadas pela sociedade e mídia, uma vez que estão adentrando no *sagrado* mundo masculino dos esportes tão defendido pelo Barão de Coubertin, idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, que excluiu as mulheres de sua participação. Para ele “os jogos eram como um fórum apropriado para representar a esfera competitiva masculina, onde se projetou no esporte questões relacionadas a política como força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade” (RUBIO & SIMÕES, 1999, p. 52).

Desta forma, a Educação Física e o esporte, juntamente com a mídia, têm um papel importante nessa desconstrução social do papel da mulher atleta, de forma “que contribua também para um mundo em que as diferenças sejam fonte de enriquecimento entre as pessoas, e não de discórdia e desigualdades” (SOUZA & KNIJNIK, 2007, p.45).

Principalmente a Educação Física que trabalha com o corpo e a educação, tem o papel de desmistificar os papéis que as mulheres assumiram ao longo da história e que estão arraigados em sua educação social.

Por isso, ao ler os artigos definidos neste trabalho, é perceptível como o esporte acaba sendo mais uma maneira de segregar homens e mulheres. Como as histórias das mulheres e dos esportes acabam por integrarem-se de maneira que as questões de gênero se mostrem cada vez mais enraizadas e marcadas em nossos corpos na forma de gestualidades e movimentos que podem marcar o ser homem e ser mulher. Definir o esporte como masculino e feminino reforça o que estudios@s demonstram em suas pesquisas acerca do gênero; que ser homem e ser mulher é algo construído a partir de conceitos ditados pela sociedade. Portanto, para ser masculino e/ou

feminino é preciso que a pessoa possa experimentar tudo o que o mundo a proporciona. E o mais importante de tudo, não importa se ela é, importa que ela seja atleta, pratica porque gosta e busca o prazer da modalidade aliado ao desempenho e que isso só traga o julgamento do cronômetro, dos árbitros e dos juízes.



## 6. REFERÊNCIAS:

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. Revista de Estudos Feministas. vol.11, n.2, Florianópolis, jul./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. Revista Movimento Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril de 2006.

ALMEIDA, Thais Rodrigues de. Mulheres Praticantes de Rugby: Feminilidades em Jogo. 1º ENCONTRO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR. 2008.

AZEVEDO, Tânia Maria Cordeiro. A mulher e a atividade desportiva: preconceitos e estereótipos. (Análise de periódicos especializados em Educação Física 1932 a 1987). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, 1988.

BARDIN Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.

BETTI, Mauro. Esporte na Mídia ou Esporte da Mídia? Revista Motrivivência. Educação Física, Lazer e Mídia. Florianópolis, n.17, set. 2001.

\_\_\_\_\_. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da tv a cabo. Conexões: Educação, Esporte e Lazer. Campinas n.3, p.74-91, dez. 1999.

CALENDÁRIO 2009 Seleção Brasileira de Rugby. Ficha técnica: Fotografia: Marco Maia site: [www.marcomaia.fot.br](http://www.marcomaia.fot.br); Assistente de fotografia: Guilherme Tichauer; Make-up / Hair: JRO Santos; Tratamento de imagem: Rodrigo Vieira / Andréa Pissarro; Design: Daniela Fatur site: [www.senses.com.br](http://www.senses.com.br)

CAPPELLE, Mônica C. A., MELO, Marlene C. de O. L., GONÇAVES, Carlos A., Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. Organizações Rurais e Agroindustriais, Vol.05, N.1, Jan/June 2003

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e mulher. In: TAMBUCCI, Pascoal Luiz, OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de, COELHO SOBRINHO, José. (Orgs). Esporte e jornalismo. São Paulo: CEPUSP, 1997, p. 11-18.

CHIÉS, Paula Viviane. “Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!” A História das Mulheres nos Jogo Gregos. Rev. Movimento - v. 12, n 3, set/dez 06.

DEVIDE, Fabiano Pries. e VOTRE, Sebastião Josué. Doping e mulheres nos esportes. Rev. Bras. Cien. Esp., Vol. 27, n.1, Set.2005.

FERRETI, Marco Antônio de C. e KNIJNIK, Jorge Dorfman. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. Revista Movimento (ESEF/UFRGS), v. 13, n. 1, 2007

FIGUEIRA, Luiza Machado e GOELLNER, Silvana Vilodre. Skate e mulheres no Brasil: Fragmentos de um esporte em construção. Rev. Bras. Cien. Esp.. v. 30, n.3, p. 95-110, maio 2009

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Rev. Bras. História. vol.25 no.50 São Paulo July/Dec. 2005

GOELLNER, Silvana Vilodre e FRAGA, Alex Branco. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. Rev. Movimento - v.9, n. 3, p.59-82, set./dez. de 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, Maternal e Feminina. Imagens da mulher na Revista de Educação Physica. Ijuí, R.S., Ed. Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_ Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Revista Movimento (ESEF/UFRGS), v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.

\_\_\_\_\_ Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física Esporte, São Paulo, v.19, n. 2, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. Revista Antropologia em Primeira Mão do Programa de Pós Graduação da UFSC. 2004.

HANSEN, Roger e VAZ, Alexandre Fernandez. “Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. Rev. Movimento. v.12, n.1, jan/abr 2006.

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. A construção do saber \_ Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG,1999.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 41-52

LOVISOLO, Hugo, SOARES, Antônio J. e BARTHOLO, Tiago L. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. Rev. Movimento. v.12, n.3, mai/ago 2006.

LUZ, JR. Agripino Alves. Gênero e EF: algumas reflexões acerca do que dizem as pesquisas nas décadas de 80 e 90. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2001.

MELO, Gislane F., GIAVONE, Adriana, TRÓCCOLI, Bartholomeu T. Estereótipos de Gênero Aplicados a Mulheres Atletas. Psicologia: Teoria e Pesquisa Set-Dez 2004, Vol. 20 n. 3, pp. 251-256.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. Revista Movimento (ESEF/UFRGS), Vol. 6, No 13, 2000.

MOURÃO, Ludmila e MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. Rev. Bras. Cien. Esp.; v. 26, n.2, Jan. 2005.

PRONI, Marcelo W. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. Conexões: Educação, Esporte e Lazer. Campinas v.1, n.1, p.74-84, jul/dez 1998.

REZENDE, Thelmy Arruda. Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília: 1989-1995. Tese de doutorado. UnB. 2009.

RIGO, Carlos, GUIDOTTI, Flávia G., THEIL, Larissa Z., AMARAL, Marcela. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Rev. Bras. Cien. Esp., v; 29, n. 3, maio,08

RUBIO, Kátia, SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas. A conquista dos espaços esportivos pelas mulheres. Revista Movimento. n.11, 1999.

SARAIVA, Maria do Carmo, Co-Educação Física e Esportes: Quando a diferença é mito. Ijuí-RS, Editora Unijuí, 1999.

\_\_\_\_\_. O gênero: confronto de culturas em aulas de Educação Física. Revista Brasileira de Ciências Do Esporte, V15, nº2, jan/1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. Gênero e Educação. Porto Alegre: vol. 20, n.2, jul/dez., 1995, p.71-99.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. & ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Cad. CEDES, Ago 1999, vol.19, no.48, p.52-68

SOUZA, Juliana Sturmer S. e KNIJNIK, Jorge D., A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Rev. bras. Educ. Fís. Esp. [online]. 2007, vol. 21, no. 1, pp. 35-48.

**Referências eletrônicas:**

<http://umacapitalentrieroemanaus.blogspot.com/2010/01/seis-ou-sete-musas-e-atletas-em-2009.html>

<http://blogblogs.com.br/blog/musasdepequim-blogspot-com/links>

<http://esportes.terra.com.br/vancouver2010/noticias/0,,OI4255663-EI14373,00-Whistler+vira+cenario+para+musas+da+delegacao+americana.html>

<http://www.tudoagora.com.br/noticia/6271/Musas-dos-Jogos-Olimpicos-de-Pequim-em-fotos-sensuais-e-flagras.html>

## ANEXO I

- 1) Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades – Miriam Adelman **Revista Movimento** Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril de 2006.
- 2) Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização - Ludmila Mourão **Revista Movimento** (ESEF/UFRGS), Vol. 6, No 13 (2000)
- 3) Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Luiz Carlos Rigo, Flávia García Guidotti; Larissa Zanetti Theil, Marcela Amaral, **RBCE**, v 29, n. 3, maio,08.
- 4) “Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!” A História das Mulheres nos Jogo Gregos. Paula Viviane Chiés. **Revista Movimento** - Vol. 12, n 3, set/dez 2006.
- 5) Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias - Marco Antônio de Carvalho Ferretti, Jorge Dorfman Knijnik **Revista Movimento** (ESEF/UFRGS), Vol. 13, No 1 (2007)
- 6) Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Silvana Vilodre Goellner **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-152, abr./jun. 2005.
- 7) Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. Silvana Vilodre Goellner e Alex Branco Fraga. **Revista Movimento** - v.9, n. 3, p.59-82, set./dez. de 2003.
- 8) Skate e mulheres no Brasil: Fragmentos de um esporte em construção. Dra. Márcia Luiza Machado Figueira e Dra. Silvana Vilodre Goellner **RBCE**. Vol. 30, n.3, p. 95-110, maio 2009
- 9) O elegante esporte da rede: O protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60 - Karine Dalsin e Silvana Vilodre Goellner - **Revista Movimento** v.12, n.1,jan/abril 06
- 10) As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. Ludmila Mourão; Márcia Morel. **RBCE**; Vol. 26, n.2, Jan. 2005.
- 11) Doping e mulheres nos esportes. Fabiano Pries Devidé, e Sebastião Josué Votré., **RBCE**, Vol. 27, n.1, Set.2005.
- 12) Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. Luiz Carlos Rigo, Flávia García Guidotti; Larissa Zanetti Theil, Marcela Amaral., **RBCE**, V; 29, n. 3, maio,2008.
- 13) A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. Juliana Sturmer Soares e Jorge Dorfman Knijnik **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.** [online]. 2007, vol. 21, no. 1, pp. 35-48.

14) Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. Luiz Carlos Rigo, Eliane Ribeiro Pardo, Michele Braun Figueiredo, Aline Rodrigues e Viviane Teixeira Silveira. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.131-146, maio/agosto de 2005.

## ANEXO II

ARTIGO	RESUMO	ASPECTOS SIGNIFICATIVOS
<p><b>Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades</b> – Miriam Adelman. <i>Movimento</i>. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril de 2006</p>	<p>Estudos sobre corporalidade e subjetividade que trabalham a partir da premissa da profunda imbricação da construção de corpos e identidades vêm adquirindo um espaço cada vez maior na teoria social contemporânea. Dentro destes, vem à tona o problema da centralidade dada a determinados “projetos do corpo” na cultura contemporânea, que têm uma forte dimensão de gênero e agem de uma maneira particular sobre a subjetividade feminina. Neste trabalho, reflito sobre resultados de pesquisa minha em duas modalidades esportivas – o do vôlei, e do hipismo clássico – com o intuito maior de discutir as possibilidades do esporte servir como um espaço de transgressão, empoderamento, e/ou disciplinamento patriarcal das mulheres.</p>	<p>Tempo: Atualidade Esporte: vôlei e hipismo Considerações: transgressão, empoderamento, e/ou disciplinamento.</p>
<p><b>Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização</b> – Ludmila Mourão. <i>Revista Movimento</i> (ESEF/UFRGS), Vol. 6, No 13, p.5-18 (2000)</p>	<p>O objetivo deste estudo é descrever a significação das representações sociais associadas à mulher brasileira nas atividades físico-desportivas a partir de 1870, época que se caracteriza pela tendência a excluí-la dessas atividades, até 1950, quando se verifica um processo generalizado de democratização de seu acesso ao campo esportivo, que culmina com a primeira Olimpíada Feminina, ocorrida no Rio de Janeiro.</p>	<p>Tempo: 1870 à 1950 Esporte: vários Considerações: liberação crescente da prática pela família e sociedade, porem sem grandes mudanças nas representações – ex. público e esporte continuam sendo masculinos. - influência da mídia no prestígio do esporte feminino. - ajustar a EF com desenvolvimento reprodutivo, depois com a feminilidade</p>
<p><b>“Eis Quem Surge no Estádio: É Atalante!” A História das Mulheres nos Jogos Gregos.</b> Paula Viviane Chiés. <i>Revista Movimento</i> - Vol. 12, n 3, p.99-121 set/dez 2006.</p>	<p>O estudo buscou indícios da participação feminina em Jogos Gregos, entre eles, os Jogos Olímpicos. Analisando a participação das mulheres nesses eventos, o texto discute as justificativas que determinavam a proibição, ou mesmo, a limitação desse grupo em fazer parte de atividades do mundo masculino na civilização grega. Para contextualizar essas justificativas, o estudo também ressalta as principais características de cada fase educacional grega, diferenciando a educação realizada em Esparta, na qual as mulheres possuíam um espaço maior para a prática de atividades esportivas e em Atenas, na qual a educação feminina restringia-se ao caráter doméstico, não havendo a preocupação com o preparo físico das mães para desempenharem os seus afazeres do lar, ou mesmo, para gerarem filhos robustos e saudáveis.</p>	<p>Tempo: VIII aC - V dC Esportes: Jogos Gregos Considerações: Esparta: prática ligada à força, Atenas: prática ligada ao espaço doméstico - Participação expressiva das mulheres em diferentes modalidades esportivas, consagradas nos Jogos Olímpicos. - Discussão sobre o efeito da cultura nos cotidianos de mulheres pertencentes à Grécia antiga e à sociedade atual.</p>

<p><b>Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias</b>  Marco Antônio de Carvalho Ferretti, Jorge Dorfman Knijnik  <i>Revista Movimento</i> (ESEF/UFRGS), Vol. 13, No1, p.57-80 (2007)</p>	<p>Historicamente, a mulher foi perseguida dentro do esporte, sofrendo de maledicências, proibições e de preconceitos. Isto piora quando se envolvem com modalidades que apresentam características “masculinas”. Este estudo teve como objetivo pesquisar as representações de mulheres que praticam luta. Foram entrevistadas sete lutadoras universitárias, que se envolveram com atividade física na infância, na escola e incentivadas por pais; esta prática se encerrou na adolescência, para ser retomada novamente na adultez. As lutadoras apontam para a existência de preconceito sobre elas, e para a total ausência da mídia nas lutas femininas. Percebeu-se que muitas não se consideram lutadoras, e concluiu-se que isto é uma forma destas lidarem com o preconceito.</p>	<p>Como a perseguição das mulheres em esportes ditos masculinos, fez com que elas abandonassem a modalidade com medo da estereotipia. Ver Mídia também.  Tempo: Atualidade  Esporte: Lutas  Considerações:  - Na mídia as atletas são associadas e erotização.  - Preconceitos em relação à sexualidade  - Dificuldade em conciliar esporte com casa (privado) e ligado muito a estética</p>
<p><b>Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico</b>  Silvana Vilodre Goellner  <i>Revista Movimento</i> (ESEF/UFRGS), v.13, n. 02, p.171-196, maio/agosto de 2007.</p>	<p>Este texto analisa a contribuição das epistemologias feministas e dos estudos de gênero para as pesquisas historiográficas sobre mulheres e esportes. Para tanto, analisa a emergência do campo denominado de “História das Mulheres”, bem como a utilização da categoria “gênero” como uma ferramenta analítica que possibilita compreender os processos históricos através dos quais se deu a inserção, permanência e ampliação da participação das mulheres no campo das práticas corporais e esportivas. Enfatiza, ainda, as teorizações do feminismo pós crítico visto que, ao romperem com a categoria universal “mulher” têm visibilizado as diferenciações e pluralidades presentes nos modos das mulheres existirem e de viverem suas feminilidades.</p>	<p>Tempo: Atualidade  Esporte: Várias  Considerações:  - importância do gênero p/ EF pq os discursos, se acomodam no corpo e os generificam. Corpo primeiro lugar de diferenciação.  - marcas são usadas para justificar inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas esportivas.  -esporte, território que educa e expõe corpos femininos e masculinos (não só masculino)</p>
<p><b>Skate e mulheres no Brasil: Fragmentos de um esporte em construção.</b> Dra. Márcia Luiza Machado Figueira e Dra. Silvana Vilodre Goellner  <i>RBCE</i>. Vol. 30, n.3, p. 95-110, maio 2009</p>	<p>Considerando que o skate é representado como uma prática culturalmente associada ao masculino, essa pesquisa analisa a pouca visibilidade conferida, no Brasil, às mulheres que dele participam. Para tanto, fundamenta-se em vertentes dos estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas para discutir como os discursos que circulam em torno do skate brasileiro produzem aquilo que nomeiam ou que deixam de mencionar. Foram analisados documentos de diferentes naturezas os quais possibilitaram identificar que o skate é atravessado por relações de poder, promovendo vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres, sendo que para elas, diferente do que para eles, este parece ser ainda um esporte em construção.</p>	<p>Tempo: Atualidade  Esporte: Skate  Considerações: Invisibilidade da mulher skatista que começou no esporte junto com o homem nos anos de 1970 no Brasil, porém até hoje, pouco se tem notícias dos feitos das mulheres no esporte. Sendo necessário recorrer a uma mídia alternativa criada por elas.  - Pouca visibilidade  - na mídia: relação do esporte com a estética – beleza,</p>



<p><b>As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo.</b> Ludmila Mourão; Márcia Morel. <i>RBCE</i>; Vol. 26, n.2, p.73-86 Jan. 2005.</p>	<p>O século XX foi promotor da visibilidade e da estabilidade da mulher no esporte. A modalidade de futebol feminino (FF) fez inúmeras tentativas neste contexto mas ainda não encontrou seu espaço de permanência no esporte. A intenção deste estudo é acompanhar as narrativas da mídia impressa (jornais e revistas) no período de 1930 a 2000, sobre a trajetória do futebol feminino e analisar se o discurso da mídia impressa em campo vem veiculando representações de resistência à fixação do esporte feminino na sociedade brasileira. O que se observou é que as mensagens e significados do “quarto poder”, por meio de metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência, apresentam-se cercada de estereótipos, interdições, polêmicas e normatizações sobre a prática do futebol feminino promovendo vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres, sendo que para elas, diferente do que para eles, este parece ser ainda um esporte em construção.</p>	<p>Tempo: 1930 a 2000 Esporte: Futebol Considerações: Discrepâncias e similaridades entre épocas tão distintas. Enquanto em 1930 elas lutavam para adentrar no futebol em 2000, elas lutam para provar a capacidade e não serem excluídas do esporte. - comparação com futebol masculino - mídia reforça os estereótipos referentes a beleza e feminilidade (estética): em 1980- homossexualismo e masculinização, 1990 – “Na década de 1990, a mídia impressa produzia narrativas em que o padrão estético superava a técnica das mulheres no FF” (p.81).</p>
<p><b>Doping e mulheres nos esportes.</b> Fabiano Pries Devede, e Sebastião Josué Votre,. <i>RBCE</i>, Vol. 27, n.1, p.123-138 Set. 2005.</p>	<p>O objetivo deste ensaio é discutir o doping no esporte feminino. O texto aborda as barreiras culturais para a inserção das mulheres no esporte, a reserva masculina, a difusão do doping e as mudanças verificadas no corpo das mulheres atletas. Ao final, apresentamos algumas considerações sobre o doping na natação feminina, a partir de entrevistas realizadas com três atletas olímpicas do Brasil, participantes dos Jogos Olímpicos de 1976, 1988 e 2000.</p>	<p>Tempo: últimas décadas Esporte: Vários, mais natação Considerações: Mulheres que transformam seus corpos de instrumento de trabalho em instrumento de emancipação como atletas e ao mesmo tempo lutam contra o preconceito frente à força física de seus corpos. - dec de 60 médicos e psicólogos preocupados em definir e rotular desvios morais e sexuais das atletas dec 70 músculos femininos mais aceitáveis devido ao movimento do fitness, ao mesmo tempo, esportes de contato e força, eram associados à celebração da masculinidade e considerados inadequados. - Debates sobre doping e mudança de modelo corporal</p>
<p><b>Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico.</b> Luiz Carlos Rigo, Flávia Gárcia Guidotti; Larissa Zanetti Theil, Marcela Amaral,. <i>RBCE</i>, V; 29, n.</p>	<p>Este artigo tem como objetivo contribuir para a historiografia do futebol feminino pelotense e brasileiro. O recorte estabelecido foi o ano de 1950 e a cidade de Pelotas, RS. Mais especificamente, as equipes femininas do Vila Hilda F. C. e do Corinthians F. C. A metodologia utilizada foi a História Oral, feita a partir do cruzamento de fontes orais, escritas e imagéticas. A pesquisa mostrou que aquele futebol feminino já possuía características do esporte moderno (organização, treinos, competição) e que, justamente por isso, foi alvo de interdição do CND (Conselho Nacional de Desporto) que exigiu a sua</p>	<p>Tempo: 1950 Esporte: Futebol Considerações: Embates conjunturais que envolvem relações de gênero e poder, em um mesmo momento histórico, o que é permissivo e incentivado para um, é proibido e interditado para outro; papel da mulher na sociedade da época, corpos disciplinados, vestimentas vigiadas, espaço privado; 1950</p>

3, p.173-188. maio,2008.	suspensão, ajudando a fortalecer o discurso de que mulher não combina com futebol.	– discurso higienista vigilante da sexualidade e do corpo da mulher brasileira; discriminação e preconceitos atuais em razão da proibição e desqualificação presentes em uma atitude moralista e sexista do passado.
<p><b>A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil.</b> Juliana Sturmer Soares Souza e Jorge Dorfman <i>Knijnik Rev. bras. Educ. Fís. Esp.</i> 2007, vol. 21, no. 1, pp. 35-48.</p>	Os objetivos desse trabalho foram: quantificar a cobertura da Folha de São Paulo de esportes masculinos e femininos através de uma análise percentual do número de reportagens; verificar o tamanho das reportagens por meio da média geral do número de palavras; e a frequência com que se utilizam comentários relacionados ao gênero nas reportagens. A análise de forma demonstrou que os homens são mais vezes citados por suas habilidades atléticas do que as mulheres, que recebem mais citações em relação a sua aparência física. Estes resultados demonstram que no Brasil, como em outros países, as mulheres esportistas continuam a serem pouco representadas pela mídia, apesar do crescente número de mulheres que participam e são bem-sucedidas no esporte.	Tempo: Atualidade Esporte: Vários Considerações: Diferença entre as referências sobre esporte masculino e feminino na mídia. Quais suas implicações. Diferença de tratamento entre homens atletas e mulheres atletas. Ele é herói, ela é mãe e “joga bem”. - Mídia faz referência a maternidade e feminilidade beleza, menos sobre a técnica
<p><b>O elegante esporte da rede : O protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60.</b> Karine Dalsin Silvana Vilodre Goellner <i>Movimento</i> Vol.12,n.1, p.153-171 jan/abril 06</p>	Este texto aborda o voleibol feminino na cidade de Porto Alegre na década de 50 e 60 do século XX. Apresenta como aporte teórico-metodológico a História Oral, cujas fontes primárias foram entrevistas realizadas com mulheres praticantes desta modalidade no período em questão. A essas fontes somaram-se textos de jornais e periódicos, fotografias, diários, bem como publicações referentes ao contexto cultural e esportivo de Porto Alegre. Após a análise das fontes foi possível identificar que o voleibol feminino constitui-se como espaço de sociabilidade dessas mulheres ampliando, significativamente, sua participação num campo considerado de domínio masculino.	Tempo: Décadas de 50 e 60. Esporte: Voleibol Considerações: Como a modalidade era incentivada às “moças” da época, mas sempre destacando a feminilidade e a beleza. Deveria ser orientado a fim de que a modalidade as tornasse sempre belas e femininas. O mau uso do voleibol poderia masculinizar as mulheres.
<p><b>Memórias de corpos esportivizados: a Natação feminina e o futebol infame</b> Luiz Carlos Rigo, Eliane Ribeiro Pardo, Michele Braun Figueiredo, Aline Rodrigues, Viviane</p>	Este artigo toma como eixo para análise e reflexão duas pesquisas sobre as memórias do esporte pelotense – uma referente ao Futebol Menor da cidade e outra à participação das mulheres na natação local –, realizadas pelo grupo de pesquisa Estudos Culturais em Educação Física. Além de destacar as principais singularidades de cada uma delas, este texto procura assinalar certas semelhanças que se mostraram presentes nas memórias dessas duas práticas esportivas, aparentemente tão distintas. Similitudes instituídas, principalmente, por tratarem-se ambas de memórias corporais.	Tempo: Anos 40 e 50; Esportes: Futebol e natação Considerações: Memórias esportivas atravessadas pela problemática do corpo; O esporte moderno emergiu e consolidou-se como um reduto masculino devido aos discursos biológicos e sociais segregacionistas.

<p>Teixeira Silveira <i>Rev. Movimento</i> Vol. 11, n. 2, p. 131-146 maio/agosto de 2005</p>		<p>Com o passar do tempo a mulher inicia no mundo esportivo, desde que esta prática contribua para o desempenho de seus dois principais papéis sociais: esposa e mãe. A natação era recomendada por ser em clubes reservados e movimentos femininos... A prática começa a ser aceita, mas sob controle e vigilância, condicionada. Há nas lembranças d@s narradores referências que remetem a uma sociabilidade produzida em experiências esportivas.</p>
<p><b>Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas</b> Hugo Lovisoló, Antonio Jorge Soares, Tiago Lisboa Bartholo <i>Rev. Movimento</i> Vol. 12, n. 3, p.165-191 maio/agosto de 2006</p>	<p>O artigo discute aspectos da perspectiva crítica particularmente relevante no debate sobre gênero: denúncia, “cotismo” e efeitos epistemológicos ou de conhecimento, a partir do debate instalado sobre a participação feminina no futebol. A escolha deste esporte se deu por sua importância na e para a cultura brasileira e, sobretudo, porque autoras e autores investiram criticando representações, práticas cujas formas de participação seriam controladas pelos homens. Conclui-se, observando, que além da crítica ou da denúncia à discriminação, baseada no ‘cotismo’, não há a emergência de novidades de conhecimento a partir da perspectiva de gênero.</p>	<p>Tempo: Atualidade Esporte: Futebol Considerações: Os autores trazem uma crítica acerca dos estudos feministas sobre esse esporte. Fazem uma crítica quanto à metodologia dos estudos, alegando evidenciar um cotismo no futebol, ou seja, que os estudos reivindicam uma posição igualitária financeiramente às futebolistas.</p>
<p><b>Mulheres e Futebol no Brasil: Entre Sombras e Visibilidades</b> Silvana Vilodre Goellner <i>Rev. bras. Educ. Fís. Esp.</i>, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005</p>	<p>Fundamentada na abordagem teórico-metodológica da história cultural e dos estudos de gênero, este artigo discute a mulher e o futebol no Brasil. Objetiva evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer. Para tal utilizei como fontes primárias de pesquisa, documentos produzidos no início do século XX, tais como periódicos, matérias jornalísticas, livros de esportes e de educação física. Também analisei publicações recentes sobre essa temática buscando evidenciar os vestígios e as rupturas existentes entre diferentes épocas. Com a técnica da análise de conteúdo foi possível compreender que a associação entre o esporte e a masculinização da mulher atravessa décadas e, mesmo que em muitas situações as atletas tenham saído das zonas de sombra, ainda hoje são recorrentes algumas representações discursivas que fazem a apologia da beleza e feminilidade como algo a ser preservado, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina.</p>	<p>Tempo: Início do séc. XX e Atualidade Esporte: Futebol Considerações: futebol, mulheres, Brasil, esporte, gênero.  A pouca visibilidade da mulher no futebol. Masculinização da mulher no esporte. Histórico da masculinização da mulher no esporte. Apologia à beleza e à feminilidade.</p>

